

O MOMENTO feminino

Cr\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 7
SEXTA-FEIRA, 5 DE SETEMBRO DE 1947

UM JORNAL PARA O SEU LAR



Na luta cotidiana pelo ganha pão vivem as costureiras curvadas sôbre as máquinas, muitas vezes sub-alimentadas e doentes. Heroínas obscuras, quantas e quantas delas morrem sem ter tido na vida, a menor alegria. (Desenho de Campofiorito)

Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

É lamentável que nem mesmo nas feiras, onde as mulheres vão fazer semanalmente suas compras, possa haver segurança de vida, sem as arbitrárias medidas de guardas contra o povo.

Por esta ou por aquela falsa justificativa das autoridades, o fato é que os crimes vão se consumando e o povo ordeiro é sempre a vítima indefesa.

O caso do «rapa» é impressionante e vem despertando a maior revolta na população carioca.

Essa «batida» que os guardas municipais veem dando nas feiras livres, tomando os insignificantes gêneros, como cabeças de alho, rédes para cabelo, espelinhos e pentes, dos vendedores ambulantes, constitui alguma coisa de intolerável.

Já está se tornando uma medida comum nas feiras semanais. Mas o que é bem pior é que o «rapa» não toma apenas insignificantes objetos, lança-se estouvadamente contra os pobres vendedores, os feirantes e as próprias famílias que se encontram nas feiras, distribuindo cassetes e tiros, esbordoando o povo, conduzindo nossa gente pacata aos leitos dos hospitais.

Há certo tempo foi a ocorrência na feira de Catumbi, em que uma senhora grávida foi estupidamente baleada pelos guardas do «rapa».

Outros fatos lamentáveis ocorreram em Vila Isabel, no Estácio, em Marechal Hermes e agora na Circular da Penha.

Assim, nossa cidade vive entregue ao alarme permanente dos encontros e choques

entre o povo e os «rapa», já célebres pelas suas façanhas.

Fazem assim: vem em surdina, surpreendem os pobres vendedores que não têm licença. Avançam no saco de papel de alho ou no jornal estendido sobre a calçada, dão pontapés nos limões ou nas cocadas e vão espalhando a desordem. Todo o mundo corre e o pânico se estabelece.

Depois vem o tintureiro, o caminhão da Prefeitura, conduzem os transgressores, as coisas aprendidas e às vezes alguns espectadores.

É lamentável que tais fatos se repitam nesta capital, mormente porque, os guardas municipais têm por finalidade prestar serviços na vigilância da cidade. A Polícia Municipal foi criada com esse objetivo, principalmente para os serviços noturnos.

Entretanto, essa finalidade é desvirtuada e vão se transformando nossos vigilantes em verdadeiros supliciadores do nosso povo.

Desta vez, a atuação do «rapa» atingiu tal grau de arbitrariedade que o Sr. Prefeito mandou abrir rigoroso inquérito para apurar responsabilidades de tão desastrosas medidas.

O que houve na Vila da Penha foi uma cena de terror desenrolada na feira. Massacre do povo, correrias, cassetes a torto e a direito, tiros de revólveres desordenados, ferimentos, prisões injustificáveis.

Eis como se apresenta o problema do «rapa»: uma assombração nova para as famílias que fazem feira.

Os pobres ambulantes vivem sobressaltados. Os que têm licença não podem estacio-

nar, tem de vender andando, outros nem tiram licença, mesmo porque a licença sairia mais caro do que o resultado da venda das quinquilharias.

A Prefeitura tem de tomar posição definida e justa. Pode criar uma pequena taxa a ser cobrada no ato da venda, mas nunca permitir que os guardas desrespeitem ao povo e massacrem agente nas feiras-livres.

Em que lei se baseiam eles para tais arbitrariedades?

Pelo contrário, temos nossa liberdade garantida pela Constituição e o respeito à ordem assegurado.

Quem está fora da lei é o «rapa» esse odioso «rapa», que é a angustia das mulheres que vão às feiras, com suas crianças, em busca de gêneros mais baratos, e que, na maioria dos casos voltam com as sacolas vazias.

Os «rapas» tem de desaparecer de uma vez. A lei que os instituiu será revogada, mesmo porque dela não constam arbitrariedades.

O que as autoridades precisam de providenciar com urgência é maior abastecimento de gêneros de 1.ª necessidade para a população carioca, e a diminuição dos preços, cada vez mais distantes do alcance da bolsa do povo.

O movimento organizado das mulheres tudo pode conseguir, inclusive, pressionar as autoridades, no sentido de acabarem com essa determinação aos «rapa» e normalizar a situação dos ambulantes, amparando-os com justas medidas legais.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Em todas as partes do mundo as mulheres se organizam e criam suas associações com finalidades claras e precisas. Assim por exemplo, na França, existem sete organizações feministas:

1) A União das mulheres francesas (UFF) que é a mais numerosa, a mais democrática e a mais dinâmica de toda a França, formada durante a guerra e filiada a F.D.I.

Depois do Congresso realizado em Paris em novembro de 4, tornou-se a F.D.I. e a ela se filiou a U.F.P. e outras. O artigo primeiro dos estatutos reza: «A Federação Democrática Internacional de Mulheres se compõe de organizações democráticas, antifascistas, feministas que reconhecem as finalidades e as tarefas expostas nos presentes estatutos e que serão realizadas no seio da Federação» segundo o artigo 2.

A União das Mulheres Francesas promoveu em novembro de 45 seu primeiro Congresso. Jeanette Vermeersch uma das líderes da UFF diz num artigo: «Sem preconceitos de cor, nem de raça, sem diferenças políticas, filosóficas, religiosas, essas mulheres combatem as outras suas diferenças, seus sofrimentos, suas lutas».

tas e resolveram unir suas forças para esmagar o que resta do fascismo no mundo, para liquidar com toda a sobrevivência da ideologia fascista, para defender os direitos das mulheres como mães, como trabalhadoras e cidadãs, para assegurar a realização da Democracia. Elas juraram que uma paz sólida e duradoura reinará enfim no mundo».

A UFF (Union des Femmes Françaises) deu à Resistência grande número de lutadoras e conta com as maiores heroínas da história da libertação da França.

2) A Liga Feminina de ação católica, organização pertencente mais à direita, fundada em 1901, sobretudo para fins eleitorais;

3) União Feminina Cívica e Social, organização católica e democrática. «As mulheres da U.F.C.S. têm o dever — dizem num manifesto — de se convencer e por que não convencer igualmente aos homens? — do papel que devem exercer para o bem do país. Elas agem

sem dúvida de acordo com sua fé cristã, mas também defendendo a linha de um ideal que corresponde às aspirações mais profundas e mais puras do ser humano: elas querem inicialmente reconstruir seus lares e, partindo dele, reconstruir o edifício social.

3) Mulheres Unidas, que declaram reunir-se para defender os direitos e interesses da mulher e da criança, manter as liberdades e regenerar os valores morais sobre os quais deve viver a democracia, realizar uma paz duradoura na liberdade, justiça social e segurança nacional e internacional. Esse organismo de mulheres de tendências socialistas luta pela liberdade política, jurídica e econômica das mulheres, pelos direitos da mulher como cidadã e como mãe, pelos direitos da mulher sobre seus filhos, seus bens pessoais e o produto de seu trabalho. Nas Mulheres Unidas está incluído o chamado «Agrupamento das esquerdistas».

5) Conselho Nacional das Mulheres, que é a seção francesa e autônoma do Conselho Internacional das Mulheres, fundado em 1900 do qual foi presidente a Marquês de Aberdeen e Temair e a dirigente atual é a Baronesa Boel.

6) A União Nacional das Mulheres, organização eleitoral, defendendo a direita política parlamentar e presidida pela Duquesa de la Rochefoucauld, e

7) Um grupo presidido pela senhora Helene Campinchi, viúva de um antigo ministro francês.

Nós mulheres brasileiras que conhecemos de perto e vivemos intensamente os problemas de nossa pátria, que somos cidadãs vigilantes em defesa de nossos direitos e dos direitos que nossa Constituição assegura, temos por essas mulheres profundo respeito e grande admiração: elas foram as heroínas da libertação da França.

O Brasil que se fez representar no Congresso de Praga pela ilustre sra. Alice Tibiriçá, conta com o Instituto Feminino de Serviço Construtivo filiado à Ação Democrática Internacional de Mulheres, sendo a seção nacional desse grande movimento feminino internacional.

“NOSSAS AMIGAS”



Dissemos em nosso primeiro número que MOMENTO FEMININO tem um programa a cumprir: defesa da felicidade, da alegria, do bem estar da mulher e da criança. Problema profundamente humano. Mas para a existência de nosso jornal dissemos também que precisamos da ajuda de todos: amigos e amigas. Ajuda imediata e prática. Propomos então a vocês hoje, a criação de grupos de amigos de MOMENTO FEMININO. Esses grupos serão o nosso sustentáculo e o nosso estímulo.

Você — amiga — veja no seu círculo de relações essa possibilidade organize uma, duas, dez, cem amigas suas e com elas ajude nosso jornal que é seu jornal.

Você quer fundar um grupo de “Nossas Amigas”? Venha à nossa redação a qualquer hora.

Solicitamos as Nossas Amigas que tanto nos vêm ajudando na venda do MOMENTO FEMININO que compareçam à redação das 10 as 12.

Nossa encarregada do expediente as atenderá.

“MOMENTO FEMININO” QUER SER UM JORNAL REALMENTE FEMININO; PARA ISSO PRECISA DA COLABORAÇÃO, DAS SUAS GESTÕES DE TODOS.



CONTO DE KATHERINE MANSFIELD

Com o desespero no coração, o gélido, lancinante desespero cravado no coração como um punhal cruel, Miss Meadows vestiu o uniforme de professora, tomou da batuta e se dirigiu pelos longos corredores frios em direção ao salão de música. Meninas de idades diversas, com as faces rosadas da corrida ao ar livre e o coração transbordante dessa ternura festiva que a gente sente quando vai para a escola numa bonita manhã de outono, se comprimiam, apressadas, saltitavam, passavam como borboletas. Das aulas sonoras saía um rápido tamborilar de vozes. "Muriel!" — gritou alguém com um trilo de pássaro. Veio das escadas um ribombo formidável. Uma aluna tinha deixado cair os aparelhos de ginástica.

A professora de ciências interrompeu Miss Meadows. — Bom dia! — exclamou ela, com a sua voz doce e afetada. — Está frio, não é mesmo? Parece inverno.

Miss Meadows, apertando o punhal contra o coração, olhou com rancor a professora de ciências. Tudo nela era doce e pálido como o mel. Não seria de admirar se uma abelha se lhe enredasse nos fios da cabeleira amarela.

— Realmente está um tanto frio — concordou Miss Meadows sombriamente.

— Mas parece que tu estás completamente gelada — retrucou a outra com o seu sorriso açucarado. E olhava-a com dois grandes olhos azues, em que brilhava agora uma tênue luz de malícia. (Suspeitaria de alguma coisa?)

— Oh! não cheguei ainda a esse ponto, — fez Miss Meadows. E em retribuição ao sorriso da Professora de Ciências, fez-lhe uma rápida careta e seguiu o seu caminho.

A quarta, a quinta e a sexta classe estavam reunidas no salão de música. Faziam um alarido ensurdecedor. Em cima do estrado a pequena Mary, a aluna favorita de Miss Meadows, a que fazia o acompanhamento, estava graduando a banqueta do piado. "Sst! meninas!" — sibillou ela, avisando as companheiras, logo que viu a professora. E Miss Meadows, mãos escondidas nas amplas mangas da toga, batuta de baixo do braço, atravessou o centro da sala e subiu para o estrado. Depois, tomou a estante de metal dourado, pô-la na sua frente e, dando nela dois golpes secos, voltou-se bruscamente para as meninas:

— Silêncio! — ordenou. — Imediatamente, por favor!

Sem enxergar ninguém, seus olhos percorreram aquele mar de blusas coloridas onde se moviam tantos rostos, tantas mãos rosadas e se agitavam as grandes laçadas de fita e as folhas dos cadernos de música abertos. Sabia bem o que pensavam dela as meninas. "A Meady está nervosa hoje..." Mas que lhe importavam as alunas? Contemplou-as, batendo as pálpebras, levantando a cabeça, num desafio. Que lhe podia importar o que pensavam aquelas criaturas, quando ela estava ferida de morte, o coração sangrando, trespassado, sim, trespassado pelas palavras daquela carta:

... "Sinto, e cada vez de maneira mais profunda, que o nosso casamento seria um erro. Não é que eu já não te ame. Amo-te como é possível amar a uma mulher. Mas devo dizer-te a verdade: cheguei à conclusão de que não fui feito para o casamento, e a idéia de constituir família me dá uma sensação de..."

A palavra "repulsa" estava mal apagada e ele escrevera por cima: "pesar". Basílio!

Miss Meadows caminhou para o piano com largos passos pesados. E Mary Beazley, que a esperava, inclinou-se. Através dos cachos que lhe cobriam as faces, saiu a sua vozinha num murmúrio: "Bom dia, miss Meadows!" ao mesmo passo que com o gesto mais de quem atira do que quem presenteia, ela fez avançar para a mestra um magnífico crisântemo amarelo. Esse pequeno ritual de flor existia havia séculos. Fazia parte da lição como a abertura do piano. Aquela manhã, porém, a senhorita não pegou da flor, não a pôs no cinto, não disse como de costume: "Obrigada, Mary. Você é muito gentil. Abra a página 32". Mary ficou horrorizada: a professora parecia não dar nem pelo crisântemo; não respondeu ao seu bom dia e com voz gélida disse: "Página 14, por favor, e marque bem os acentos." Mary corou tanto que lhe vieram lágrimas aos olhos. Mas Miss Meadows voltara-se para a estante. Sua voz vibrava, cessando em toda a sala.

— Página 14. Começaremos com "Lamento", página 14. Vocês já devem saber a lição. Vamos cantar jun-

tas, com as partes. Todas juntas, simplesmente, sem expressão, e batendo o compasso com a mão esquerda.

Levantou a batuta: dois golpes secos na estante. Mary deu o primeiro acorde: todas as mãos esquerdas se levantaram e bateram o ar; as vozes juvenis gemeram em coro:

"Cedo se vão as rosas d'alegria...
Cedo o outono se fana: o inverno vem.
Cedo me foga a suave melodia
Que aos ouvidos meus doce somido tem!"

Ah! Deus meu, haveria coisa mais trágica que esse lamento? Em cada nota um suspiro, um soluço, um grito de abandono desconsolado. Miss Meadows, com os braços levantados nas largas mangas da toga, começou a dirigir com ambas as mãos...

"Sinto, e cada vez de maneira mais profunda, que o nosso casamento seria um erro..." — ela marcava o compasso a estas palavras: "Cedo se vão as rosas d'alegria..." — gemiam as vozes. Que teria acontecido a Basílio? Por que escrevera aquilo? Como teria sido levado àquele gesto? Como? Ela não sabia. Na sua última carta não lhe falara de outra coisa senão de uma pequena biblioteca de carvalho velho que tinha comprado para "os nossos livros", e de um elegante móvel para o quarto de vestir: "uma coisa muito mimosa, ornada com um mocho esculpido em madeira que tem nas garras três escovas de cabelo." Como ela tinha sorrido a estas palavras... A idéia de que fossem necessárias três escovas para o cabelo só podia sair da cabeça dum boiote.

... "Que aos ouvidos meus doce somido tem!" — cantavam as vozes.

— Vamos recomeçar — disse Miss Meadows. — Mas desta vez fazendo as partes e sempre sem dar expressão.

"Cedo se vão as rosas d'alegria". — Agora as contraltos punham uma nota sombria ao canto: ela sentia um calafrio. "Cedo o outono se fana: o inverno vem." A última vez que tinha vindo procurá-la, Basílio trazia uma rosa à lapela. Estava belo, na sua roupa azul, com aquela rosa vermelha. Belo, ele o sabia, não podia esconder. Passava primeiro a mão pelo cabelo, depois pelo bigodinho. Quando sorria, seus dentes cintilavam.

— A mulher do diretor continua sempre a me convidar para a ceia. É uma coisa aborrecida, não posso ter uma tarde livre quando estou lá...

— Mas não podes recusar?

— Ora... Um homem nas minhas condições não pode fugir à popularidade...

"Cedo me foga a suave melodia" — gemiam as vozes. Por trás das janelas altas os salgueiros ondulavam ao vento. Estavam quase desfolhados. As poucas folhas que lhes restavam nos ramos se agitavam como peixes presos on anzol.

"Não fui feito para o casamento". As vozes se calaram, o piano esperava.

— Muito bem, — disse Miss Meadows, mas com uma voz ainda de tal maneira estranha e árida que as alunas mais moças começaram a ter medo.

— Agora que sabem a peça, vamos cantá-la com toda a expressão possível. Pensem nas palavras que disseram. Um pouco de fantasia. "Cedo se vão as rosas d'alegria", — gritou Miss Meadows — as palavras devem ressaltar violentas, fortes, como um lamento. Na segunda linha, aquele "inverno vem" deve ser como que atravessado por um vento gelado. "Inverno" — disse ela, com uma voz tão violenta que Mary sobre a sua banqueta sentiu um tremor de frio. — O terceiro verso, "Cedo me foga a suave melodia", é todo um crescendo que se espelha sobre a palavra "que" da última linha, "ouvidos meus" é necessário diminuir, morrer, e que as últimas palavras sejam um sopro que lentamente se extingue. Lentamente... Vamos, comecem!

De novo bateu duas vezes sobre a estante e levantou os braços. Cedo se vão as rosas d'alegria.

"A idéia de constituir família me dá uma sensação de repulsa".

"Repulsa": era o que ele tinha escrito. E assim o noivado estava rompido. Rompido aquele noivado! Todos tinham ficado maravilhados de vê-la noiva. A professora de Ciências a princípio não acreditara. Ela mais do que todos. Tinha já trinta anos. Basílio, vinte e cinco. Pareciam-lhe um milagre, um verdadeiro milagre as palavras que ele lhe dissera uma tarde à volta da igreja, aque-

TRADUÇÃO DE ERICO VERISSIMO

na noite escura. — "Não sei como toi, mas descobri que te amo". Tinha nas mãos a ponta de sua "écharpe". — Com mais expressão, meninas, ainda uma vez, ainda uma vez!

"Cedo se vão..." As faces das meninas mais velhas iam tomando uma cor violácea; uma das mais moças começava a chorar.

Grossos pingos de chuva batiam nos vidros. Parecia que os salgueiros bishbilhotavam. "Não é que eu já não te amo..."

"Mas, meu querido, — pensava ela — se me amas... "Que aos ouvidos meus doce somido tem!"

— Repitam, repitam ainda — disse Miss Meadows. — não importa que seja muito ou pouco o teu amor, visto que me amas...

Mas na verdade ele não a amava. Se tivesse tido um pouco de ternura para com ela, teria cancelado aquela "repulsa" de maneira que ela não a percebesse.

"Cedo o outono se fana: o inverno vem". Teria também de deixar a escola; quando se soubesse de tudo, havia de lhe faltar coragem para encarar as alunas, a professora de Ciências. Iria embora, desapareceria. Que aos ouvidos meus... — as vozes enfraqueciam, morriam num sopro leve.

De repente a porta se abriu. Uma menina vestida de azul atravessou a sala com ar inquieto, a cabeça baixa, mordendo os lábios e fazendo girar sobre o pulso rosado um pequeno bracelete de prata.

Subiu ao estrado e parou à frente de Miss Meadows.

— Então, Mônica, que é que há?

— Desculpe, Miss, — disse a pequena com voz ofegante — a senhora diretora deseja vê-la no escritório.

— Muito bem — respondeu Miss Meadows.

A seguir, voltando-se para as alunas, falou:

— Portem-se bem, prometam-me sob palavra não fazer barulho.

As meninas, porém, estavam de tal maneira oprimidas que seria quase certo que não fariam alarido. Em sua maioria tinham já o lenço no nariz.

O eco dos passos de Miss Meadows se propagou pelos corredores frios e silenciosos. A Diretora achava-se à sua mesa. Não alçou imediatamente os olhos. Como de costume, estava tentando desentredar os óculos das rendas do vestido onde eles se tinham emaranhado.

— Sente-se, Miss — disse com tom gentil, tomando dum papel cor de rosa. — Mandei chamá-la porque acaba de chegar-lhe este telegrama.

— Um telegrama para mim, Miss Wyatt?

"Basílio! Suicidou-se!" — pensou Miss Meadows, estendendo vivamente a mão. Mas a diretora reteve por um segundo o telegrama.

— Espero que não sejam más notícias — disse, sempre com o mesmo tom gentil.

Miss Meadows abriu atarantadamente o telegrama. "Não faças caso minha carta. Eu devia estar maluco. Móveis quarto vestir comprados hoje. Basílio."

Miss Meadows leu estas palavras e não conseguiu afastar os olhos do telegrama.

— Espero que não seja nada grave — disse Miss Wyatt.

— Oh, não, obrigada! — respondeu, sorrindo, Miss Meadows. — Realmente não é nada de grave.

E, desculpando-se com um pequeno sorriso tímido, — E' o meu noivo que...

Seguiu-se uma pausa.

— Ah, compreendo... — disse a diretora.

Outra pausa. Depois:

— Temos ainda um quarto de hora de lição, não é verdade, Miss Meadows?

— Sim, senhora.

A professora de canto levantou-se e caminhou para a porta, quase a correr.

— Miss — disse a diretora — um minuto ainda. Devo adverti-la de que não aprovo que as minhas professoras recebam telegramas durante as lições. A menos que se trate de um assunto verdadeiramente necessário, como no caso de qualquer doença, morte, ou outra circunstância grave. As boas notícias podem sempre esperar, Miss.

Nas asas da esperança, do amor, da alegria, Miss Meadows voou para a sala de música, atravessou-a, subiu ao estrado e aproximou-se do piano.

— Página 32, Mary, página 32.

Apanhou o crisântemo amarelo e pô-lo na boca para

(Continua na página 5)



Primeira festa de "Momento Feminino"

Realiza-se hoje, às 20 horas, no 9.º andar da A. B. I., a primeira festa que **MOMENTO FEMININO** promove. Preocupado com os problemas intelectuais e materiais das mulheres, nosso jornal se traçou como programa o contacto com suas leitoras através de festas culturais e artísticas.

Na festa de hoje ouviremos Lígia Maria Lessa Bastos, que falará sobre a Mulher como Educadora.

II Sagrador de Scuvero sobre "Assistência Social, Governo e Povo".

III Arcelina Mochel sobre "A Mulher no Mundo de hoje".

A apresentação será feita por Odila Schmidt.

MOMENTO FEMININO convida seus amigos e amigas para logo mais, à noite, na A. B. I.

Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5954

Prazer em conhecê-la!

KATHERINE MANSFIELD foi uma fina e sensível escritora inglesa que morreu tuberculosa em 1923 e criadora — através de vários livros — de uma esplendida galeria feminina.

Nasceu em Nova Zelândia (Inglaterra) em 1888 e apesar de sua pouca saúde conseguiu estudar em Londres, primeiro música que logo abandonou pela literatura.

Em 1911 publicou seu primeiro livro intitulado "O prelúdio".

Seu verdadeiro nome era: Kathleen Beauchamp.

Casou com o crítico John Middleton Murry que depois escreveu uma esplendida biografia da esposa morta.

Em 1923 morreu em Fontainebleau. Sua maior amizade e influencia literária foi o escritor russo Tchecoff.

E' de Katherine Mansfield o conto que **MOMENTO FEMININO** hoje publica.

Coisas que aconteceram...

(dos jornais)

As mulheres de Paris levaram a efeito uma demonstração de protesto contra a redução das rações do pão, clamando ao mesmo tempo por mais pão e onze por cento de aumento nos salários.

AINDA OS EXTERMINIOS NAZISTAS

Cerca de 200.000 crianças debéis mentais que se encontravam em tratamento na Alemanha foram exterminadas pelos nazistas, por aplicação em massa dos métodos de eutanásia — revela uma revista evangélica, expondo a luta travada pela Igreja Protestante Alemã contra a eutanásia.

OCUPAÇÃO ARBITRÁRIA

No Panamá os Estados Unidos foram acrimosamente denunciados numa demonstração estudantil organizada, que protestava contra o fato de os Estados Unidos não haverem reentregue ao Panamá todos os locais de defesa concedidos durante a guerra para proteger o Canal. A Federação de Estudantes enviou um telegrama ao Conselho de Segurança das Nações Unidas denunciando a ocupação arbitrária do território do Panamá por forças armadas dos E.E.U.U.

OUTRAS VOZES NA AMÉRICA

Sob a iniciativa da revista literária "Mainstream", houve recentemente em Nova York um "meeting" assistido aproximadamente por 3.500 personalidades nas artes e nas letras. Em seus discursos, os escritores e artistas americanos criticaram a comissão da Câmara de Representantes encarregada do inquérito sobre atividades anti-americanas, que eles acusam de sufocar as tendências democráticas nas artes.

Lawson, autor de cenários para filmes de Hollywood, declarou: "As tentativas de escravizar os artistas e escritores fazem parte integrante do programa dos homens de negócios cesejosos de liquidar os sindicatos e ressuscitar as atividades fascistas no mundo. Cada artista que tem a dignidade de manter a integridade de sua profissão e defender a prosperidade do país, deve lutar contra esse programa."

Nesse "meeting" falaram, também, a escritora Dorothy Parker, o dramaturgo negro Ward, etc.

ANEDOTAS LITERÁRIAS

O Marquês de Lavradio, quando vice-rei do Brasil, atirou-se com afinco ao trabalho de sanear e limpar as suas ruas. Isso, entretanto, não o impedia de se entregar com alma às conquistas femininas. Um dia, encontrando-se com um demente de nome Romualdo, perguntou-lhe:

— Então Romualdo, que dizem por aí de mim?
— Dizem que V. Excia. tanto limpa as ruas como suja.

Conversando com Machado de Assis, conhecida atriz brasileira observou que o grande romancista falava fluentemente.

— Ora, imagine que me disseram que o senhor era muito gago! Mas estou vendo que não é tanto assim...

Num assomo de irritação, Machado de Assis, que não gostava de ouvir qualquer alusão à sua gagueira, gaguejou:

— Calúnias, minha senhora. Também me disseram que a senhora era estúpida, e eu estou vendo que não é tanto.

Nos primeiros tempos de sua fundação, a Academia Brasileira de Letras abrigava homens de letras pobres, em geral. Por isso, Olavo Bilac pilheriava:

— Somos imortais porque não temos onde cair mortos...

Capistrano de Abreu participou das polémicas em torno da grafia de Brasil — com S ou com Z. O velho historiador não admitia que se escrevesse Brasil com Z, declarando:

— Sabe quem escreve Brasil com Z? As zebras...

CARTA DE AMOR

VICTOR HUGO

(Grande romancista francês à sua noiva)

Abril de 1820.

Foi no dia 26 de abril de 1819 que eu contessei que te amava. Não se passou ainda um ano. Eras alegre, feliz, livre; talvez não pensasses sequer em mim. Quantos sofrimentos e quantos tormentos de um ano para cá. Quantas cousas tens a me perdoar...

Gostaria de saber tudo o que te dizem a meu respeito. Tem confiança em mim, sou tão desgraçado.

Vês, minha amiga, eu mal posso ligar duas ideias. Tua carta atormenta-me horivelmente. Tenho tanta coisa a te dizer e tão pouco tempo para escrever. Como terminará isso? Sei o que me acontecerá, mas e tu?

Quero responder tua carta. Como podes pensar que algum dia eu te esqueça? Serias capaz de odiar-me? Quem te fala mal de mim? Estou furioso!

Não sabes quanto vales sob todos os aspectos; és melhor que todos os que te cercam, sem exceção dessas tuas pretensas amigas que fingem de anjos quando são apenas demonios.

Adeus minha Adelia; não estou em condições de te responder. Perdôa o desalinho desta carta.

HEROINAS DO BRASIL E DO MUNDO

MARIA AMELIA DE QUEIROZ

Vejamos o que sobre essa mulher do século dezenove diz Sacramento Bake em seu Dicionário Bibliográfico:

Natural de Pernambuco, de inteligencia brilhante e cultivada, tomou parte muito ativa na propaganda em favor da abolição e se ocupou de assuntos tendentes ao engrandecimento de seu país, em conferencias públicas em vários pontos de seu Estado natal. Colaborou em vários órgãos da imprensa, principalmente no "Diário de Pernambuco". Escreveu: Conferencias, feitas por ocasião da propaganda abolicionista (1885) e Conferencias celebrada na cidade de Vitoria (Pernambuco) em 1890. Sobre ela diz um jornal da época:

"Da leitura de seu opusculo facil é coligir que a senhora Queiroz aos dotes de oradora reúne uma mentalidade vigorosa e bem cultivada. Os paralelos históricos, a comparação de sistemas políticos de governo, análises de teorias filosóficas e abstrusas, tudo se enfeixa na breve alocução a que nos referimos... Ao contemplar a ingente campanha iniciada pela snra. Maria Amelia de Queiroz, sente-se quão grandioso papel está ainda reservado entre nós à mulher que soube vencer os preconceitos e constituir-se elemento de ensino salutar e de propaganda tanto mais eficaz quanto aos predicados do espirito alia os encantos naturais de seu sexo."

Curso de corte, costura e trabalhos manuais de "Momento Feminino"

PREÇO POPULAR

Curso noturno para operárias e empregadas domésticas a Cr\$ 10,00 mensal

Tratar com Julienne

De 9 às 13 horas

RUA ANITA GARIBALDI, 5 - Copacabana

MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE

DIRETORA:

ARCELINA MOCHEL

REDATORA-CHEFE:

LIA CORREA DUTRA

SECRETARIA:

SILVIA LEON CHALREO

REDATORAS:

ENEIDA COSTA DE MORAIS

MAURA DE SENA PEREIRA

GERENTE:

HELOISA RAMOS

CHEFE DO EXPEDIENTE:

LUIZA REGIS

CHEFE DE PUBLICIDADE:

GLORIA CORDEIRO DE ANDRADE

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55 - Sala 14

Caixa Postal 2013 - Rio de Janeiro

Número avulso: Cr\$ 1,00 — atrasado: Cr\$ 2,00



OPUERICULTURA

CONTINUANDO A GRANDE OBRA

MARGARIDA

Quando olhava sobre a poltrona bolsa e luvas, Luísa percebeu a presença de dr. Roberto.

— Faltava com o médico. Como correu a consulta? Muito bem. Dr. Alexandre está satisfeito, afirmou que nada tenho a temer. Minha gravidez segue normalmente, só existe motivos para tranquilidade e confiança. Meu pensamento também é este...

— O de todos nós, dona Luísa.

— Os pequenos cuidados contínuos e cheios de afeto com que Miguel e o senhor me cercam não têm concorrido para me infundir coragem e serenidade.

— Exagero. Onde está sua parte em tudo isso; a obediência aos conselhos do médico, a frequência às consultas, o regime alimentar? Dona Luísa, o seu a seu dono...

— E enfim de que trataremos nós? — Da amamentação natural. O alimento que se presta perfeitamente ao organismo da criança nos primeiros meses da vida é o leite materno. São extraordinárias as vantagens oferecidas pela amamentação natural. Entre as crianças alimentadas ao seio a resistência às infecções é maior, as perturbações nutritivas apresentam-se raramente e atenuadas a mortalidade reduzida, comparando-a com a estatística de óbitos entre os lactentes nutridos por meios artificiais.

— Afinal que existe no leite humano? — No leite humano são encontradas vitaminas e anticorpos que dão à criança imunidade, defendendo-a entre outras doenças contra a difteria, o sarampo e a febre tifóide. Além de econômico, o leite humano é o alimento mais higiênico possível, porque vai diretamente de sua fonte de produção — o seio materno — à criança, sem umidade — a criança.

— Terei de fazer alguma coisa para assegurar a meu filho todas essas vantagens? — Sim. Para que a amamentação não perca nenhuma

das qualidades que a tornam superior aos demais processos de alimentação é necessário que observe uma técnica determinada e as mamaduras obedeçam a certo horário. Entre as mamaduras costuma-se estabelecer intervalos de três horas e repouso noturno de nove, sendo ao todo 6 refeições diárias.

— Por que este intervalo de três horas?

— Não é arbitrário, dona Luísa. Visa beneficiar a mãe e a criança. O leite materno permanece de duas horas a duas horas e meia no estômago do menino e a digestão só se processa bem, quando o leite encontra o estômago vazio. Por outro lado para que as glândulas mamárias mantenham uma secreção láctea equilibrada é indispensável o esvaziamento dos seios em intervalos regulares. Além destas vantagens de ordem física o horário servirá de disciplina para o bebê, sendo desde já iniciada sua educação.

— Mas dr. Roberto, uma vez ou outra não me será permitido fazer algumas vontades a meu filhinho?

— Não, dona Luísa. Deve ter firmeza na regularização das mamaduras, não cedendo ao choro da criança, ciente de que a mãe, pouco ela se ajustará ao regime, reclamando o alimento apenas nas horas determinadas. A pausa de nove horas durante a noite será uma medida salutar assegurando repouso a ambos, à senhora e ao garoto.

— De um modo geral que é preciso para bem amamentar?

— Entre outras coisas é necessário observar as seguintes: procurar obter o esgotamento completo da glândula porque isto estimula a secreção. Possuindo leite abundante aconselhável dar à criança um dos seios em cada mamadura, alternando-os nas refeições sucessivas. A permanência do bebê ao seio não deve ser longa, oscilando entre 15 e 20 minutos. Com este método muitos inconvenientes serão evitados: a deglutição de ar; a fadiga da criança e da mãe; maceração dos seios, etc.

— Dr. Roberto e se eu não puder fazer nada do que me está aconselhando... se por motivo qualquer não tiver leite.

— Dona Luísa como deixou entrar em seu pensamento dúvida dessa natureza! Pode servir de disciplina para o bebê, sendo desde já iniciada sua educação. Além destas vantagens de ordem física o horário servirá de disciplina para o bebê, sendo desde já iniciada sua educação. Além destas vantagens de ordem física o horário servirá de disciplina para o bebê, sendo desde já iniciada sua educação.

A LIÇÃO DE CANTO

(CONTINUAÇÃO)

esconder o sorriso. Depois se voltou para as alunas, batendo com a batuta na estante.

— Página 32, página 32, meninas!

Aqui estamos de flores carregadas Com braçadas de frutos coloridos...

A saudar...

— Basta! basta! — gritou Miss Meadows — horrível, espantoso!

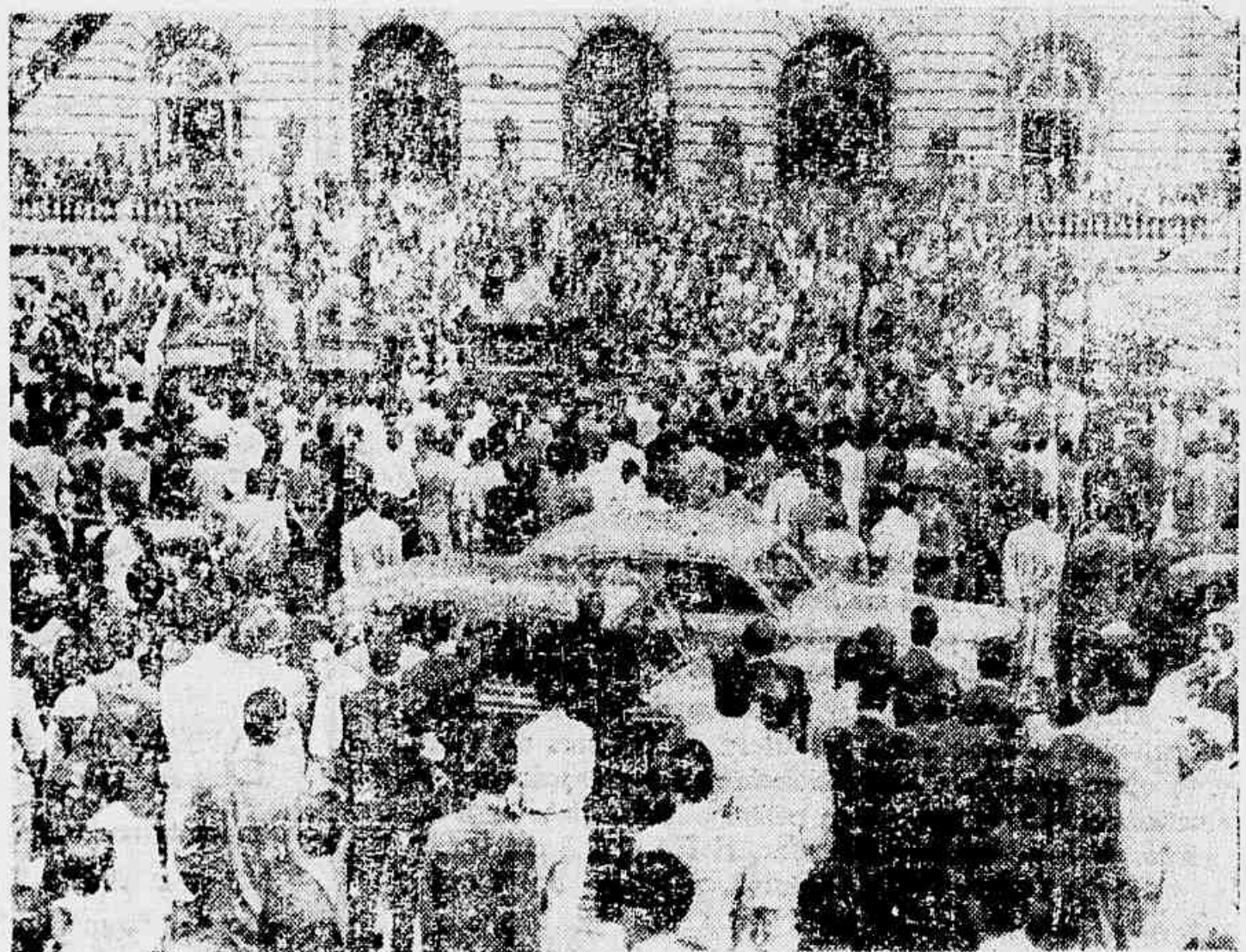
Olhou para a classe com os olhos rebrilhantes.

— Mas que é que vocês têm? Pensem nas palavras que cantam, ponham nelas um pouco de fantasia. "Aqui estamos de flores carregadas, com braçadas de frutos coloridos." — E Miss Meadows se interrompe para dizer:

— Mas não façam esse ar triste. Cantem com impeto, com alegria, com ardor. Recomeçamos. De pressa. Juntas. Adiante!

E desta vez a voz de Miss Meadows se elevou sobre todas as outras, cheia, profunda, vibrante de paixão...

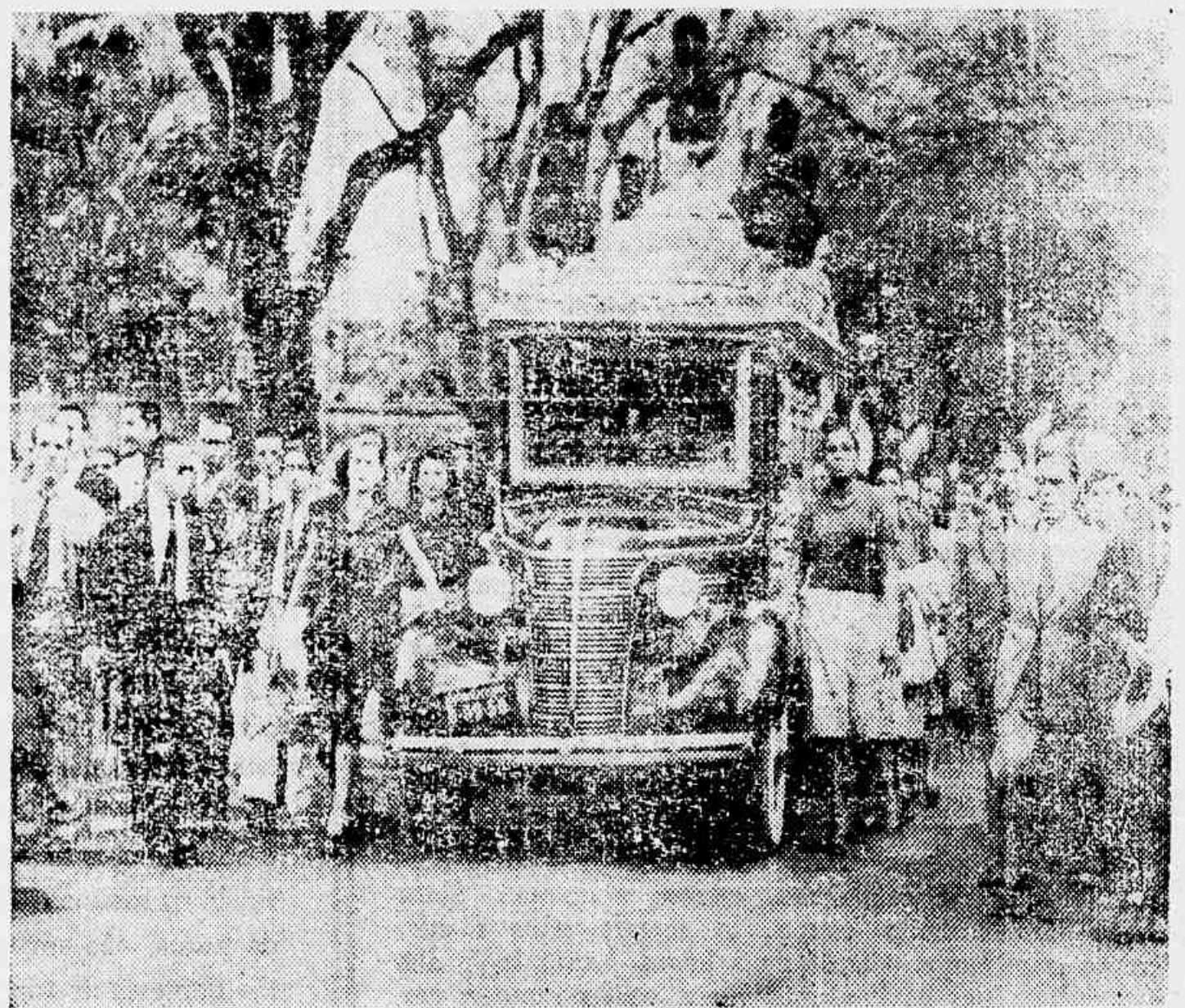
Dr. Manoel Venancio Campos da Paz



O povo caracca sentiu que perdera um grande representante

Morreu esse grande afirmar tudo o que dele mem, a união de todos os amigos das mulheres e foi dito e acrescentar ainda a ternura, a dedicação, todos os partidos políticos que vieram afirmar em Campos da Paz o político, de pai e de avô criaturinhas, desde cedo, possíveis entendimentos entre os homens. Seu nome ficará em todos nós. Seu nome é bandeira democrática de luta e nós, mulheres, e as nossas crianças que o conhecemos e o amamos e no Senado. O amor que mereceu do povo desta cidade foi testemunhado verdadeira maternidade, pela multidão que o acompanhou ao cemitério. Nós outras, mulheres, temos apenas que re-

morreu desse grande homem dentro do coração.



As mulheres fizeram questão de empurrar o carro mortuario daquele amigo de todas as horas

Criança faminta

NAIR BATISTA

Criança faminta, de pernas fininhas e ventre crescido,

Criança faminta, que dores eu sinto por ti. Criança sem teto, sem luz, sem brinquedo, sem contos de fada, cantigas maternas cantadas à noite.

Criança vagando no êrmo da estrada, mordida de vermes, roída de bichos. Olhares de fundas olheiras furando a miséria da vida dos trapos.

Mãos frias os ossos rompendo a epiderme barrenta. A roupa rasgada despindo a nudez de um corpo sem vida.

Os pés deformados chupando a maleita que treme e que mata.

A pele curtida no chão dos baracos. A lama bebendo dos pântanos sujos.

Criança faminta, de pernas magrinhas, o ventre crescendo, crescendo, crescendo.

O' triste espantalho!



A S S I N E

MOMENTO Feminino

3 meses 12,00
6 meses 22,00
12 meses 40,00

Faça os seus pedidos para a gerente na Redação
Rua do Lavradio, 55 - S/14 - Rio de Janeiro

ALFABETISE!

...Alfabetisar é um dever de todo brasileiro que sabe ler. Alfabetisar adultos é olhar para o povo e prepará-lo para um futuro melhor.

Contos do Mar

LYCIA MARIA LESSA BASTOS



Com este título e ilustrações de Santa Rosa, publicou YVONNE JEAN um lindo livro de Contos, nos quais a autora segue a conceituação literária de Eça, estendendo sobre a realidade o manto diáfano da fantasia.

Não é, porém, o poder sugestivo da sua imaginação, a principal característica da autora de "Contos do Mar". Há nesse livro uma impressionante demonstração de que mesmo em obras que visam principalmente deleitar o espírito, pode-se também filosofar. E foi o que ela fez.

Sendo deliciosa e construtiva, a leitura de "Contos do Mar" é recomendável.

Quem ler o conto "Os Dois Reinos" nunca mais se esquecerá do tema filosófico tão habilmente nele exposto. Convém resumir-lo. O Rei da Terra enviou, sucessivamente, três embaixadores ao Rei dos Mares mas nenhum regressou. O primeiro, era pintor; o segundo, explorador e o terceiro filósofo.

Aprensivo pela falta de notícias, o Rei ouviu a opinião de um conselheiro e este o advertiu:

— "Sempre escolhemos mensageiros que queriam aventuras, respondeu Fidoel. Nenhum deles estava ligado à nossa terra. O pintor está em casa em qualquer lugar onde possa pintar. O explorador está à vontade em qualquer lugar desconhecido. O filósofo está satisfeito em qualquer lugar onde possa pensar. Precisamos agora escolher um homem que tenha uma mulher, filhos, um lar, suas terras, enfim um homem que tenha apego ao lugar em que vive".

O fato é que, mandado o camponês, cumpriu este religiosamente a missão que lhe foi confiada e voltou à Pátria.

Eis aí a mais convincente insinuação de que a base do patriotismo é o amor à gleba e o apego à família.

O "Círculo Mágico" na figura do menino Pedro, que salva os parentes do poder do Mago, apresenta uma lição de conformação com as circunstâncias difíceis sem desespero de causa nem capitulação definitiva. São palavras do livro: "Pedro compreendia que o mago era muito mais forte do que ele. Resolveu ficar de bem com ele."

"E acabarei achando um modo de escapar, de qualquer jeito! Pensou triunfante".

Muito interessante é também o conto "A viagem do sol".

Longas seriam as transcrições se pretendessemos dar uma ideia do que é o livro de Yvonne Jean como instrumento educativo, embora o seu propósito seja distrair. Não podemos, porém, nos furtar ao prazer de recomendá-lo à leitura de quantos — adultos ou crianças — apreciem as galas do estilo.

E' justamente o feio estilístico da autora que mais fortemente impressiona. O assunto tratado e a natureza da obra pediam sobriedade e simplicidade na linguagem. Mas não é fácil ser simples sem ser banal Yvonne Jean lidou todas as dificuldades, burlando frases encantadoras. Assim é que a leitura de "Contos do Mar" não distrai apenas pois encanta também pela musicalidade e sobre tudo pela precisão vocabular.

Exemplifiquemos. Para dar à criança a ideia perfeita duma longa caminhada, escreve a autora: "Kuru viajou durante muito tempo. Ia sempre para diante, sempre mais longe, sempre mais longe. Jurara fugir dos homens que lhe haviam roubado a paz, porque a paz não existia dentro deles".

Vejam que louçania de linguagem: "O rei era magnífico na sua armadura cintilante, adornada com pedras azuis e vermelhas. Caminhou devagar por cima da água. Esperou que uma onda se dirigisse para a areia e desceu como de um degrau. Aproximou-se do camponês".

Do conto "Viagem do Sol" destacaremos o seguinte trecho: "Sol aproximou-se do mar e subiu na crista da onda que começou imediatamente a descer com uma rapidez sempre crescente, como se fosse um elevador. Sol estava atordoado."

"A onda parou, quando chegaram ao fundo dos mares. Vani pegou no braço de Sol, enquanto este descia da onda. Sol estava tonto. Esfregou os olhos e sacudiu a cabeça, como cachorrinho molhado. Sentiu-se melhor e olhou em redor".

Recomendo esse livro a todos os amantes das boas leituras e o aconselho muito especialmente para as crianças entre doze e quatorze anos porque cada um desses

A MORTE DE DHELIO PAULO

Trecho do romance:

"Memórias de uma Professora"

de Lia Correa Dutra

cabças dos demais meninos da Parada, a seda do outro tremulando sobre os demais estandartes das escolas.

Da janela, assisti aos exercícios preparatórios da Parada. Eles vinham ainda lá em baixo, no Méier, e já se ouvia o som dos tambores e clarins da banda. Depois, muito tempo depois, a ponta verde da bandeira nacional aparecia na ladeira e logo atrás dela, quase da mesma altura, o azul-e-branco do estandarte. Então surgiam as duas cabeças, a do porta-bandeira e a do porta-estandarte, e o riso claro de Dhélio Paulo em seu rosto queimado de sol. Ai é que vinha a banda, o professor esforçando-se por manter uma aparência militar — e mesmo bélica — nas fileiras desiguais, brancos, pretos e mulatos misturados, altos e baixos, magros e gordos — muito maior o número dos magros do que o dos gordos. E os garotos da vizinhança, moradores no Morro do Vintém, pulando em volta da banda e em volta do batalhão, num entusiasmo feliz, aflitos para crescer logo e poder entrar para aquela Escola, e marchar, e tocar o tambor e o clarim, e carregar a bandeira e o estandarte...

Assim de longe, o espetáculo era quase perfeito. De perto é que se via a pobreza do físico e da indumentária da maior parte da meninada. De perto é que se reparava nos uniformes grandes demais do pessoal da 1.ª Série, comprados bem largos e bem compridos para durar o curso todo, com o cáqui ainda novinho, duro como papelão, e os apertados e curtos dos alunos adiantados, que dentro deles tinham crescido, e passado de ano, e repetido ano; com o tempo, a cor do cáqui esmorecera, era um bezeinho desbotado, um amarelo sujo, e notava-se, nas mangas e nas calças, o sinal da 1.ª, da 2.ª bainhas desmanchadas, da bainha postiça cosida por mãos econômicas e engenhosas, e a franja que o uso começara a desfazer. De perto é que se percebiam as pontas escalavradas das botinas, o couro ressequido dos "tanques colegiais", farrados como botas de alpinistas, muita sola descolada bocejando o seu cansaço, as botinas azuis de jogador de basquete, os velhos "tennis" que em novos tinham sido brancos, mas que a lama e o capim das ladeiras do morro pintaram de marrom e verde. Muitos daqueles "tennis", daquelas botinas de basquete, daquelas solas escancapadas como bocas de peixe impediriam que seus donos tomassem parte na verdadeira parada, no desfile do Dia da Juventude (Dia da Raça, parece que era assim que a coisa se chamava) se não fossem urgentemente substituídos pelos sapatos pretos em bom estado que o regulamento exige. Por isso, seus donos eram os que marchavam com mais arrogância e garbo, antecipando um gosto que no dia certamente não teriam.

Sim, de perto o espetáculo perdia muito. Apareciam as manchas na pele, indícios de moléstia de fígado e outras, as espinhas da puberdade, os dentes cariados ou a falha de dentes em bocas que riam sem disfarçar suas misérias; de perto é que assustava a fragilidade daqueles meninos — tão maltratados, tão desnutridos, que o coraço da professora se apertava, e pela cabeça da professora passavam duas interrogações, uma espantada, outra angustiosa: — "Como é que eles resistem tanto, como é que

conseguiram se criar, viver até hoje?" — e: — "Quanto deles chegarão à idade de homem?"

Um que parecia invulnerável à doença e à morte era o porta-estandarte Dhélio Paulo. Grandalhão, tão forte, com os dentes tão brancos, com a saúde tão perfeita, com um tão grande apetite pela vida, com uma pressa tão evidente, tão afobada, de crescer!

Em cada princípio de ano, os professores se admiravam com a diferença observada nos alunos. Como se esses meninos aproveitassem os dois meses de férias para crescer toda a sua ração de um ano, para se transformar de criança em adolescente, de adolescente em homem. Durante o período letivo nem se notam essas mudanças; o aluno de Dezembro assemelha-se exatamente ao que tínhamos encontrado em Março. Mas, depois das férias, elas saltam aos olhos da gente; mais que isso, entram-nos pelos olhos, enchem-nos de espanto: — "Meninos, como vocês cresceram!"

Com Dhélio Paulo a transformação foi excepcional. Crescera tanto, nas férias da primeira para a segunda série, que, perto dele, os outros nem pareciam ter crescido nada; ao contrário, pareciam ter diminuído, ter encolhido, para Dhélio Paulo ficar ainda maior.

Disse-lhe, sufocada de susto, levando as mãos ao rosto: — "Dhélio Paulo, como você está crescendo!" — E ele, num riso largo, os dentes saudios no rosto sadio, respondeu, orgulhoso: — "E' preciso!"

A todos os que mostravam o mesmo espanto, ele dava a mesma resposta: — "E' preciso! E' preciso!"

Esse ano, já não carregou o estandarte; tornou-se o maior da Escola, e por isso lhe coube a Bandeira Nacional na Parada da Juventude.

Era um dos alunos que mais apareciam na Secretaria. Fazia parte de todas as comissões que iam fazer pedidos, explicar, pleitear qualquer vantagem, a supressão de alguma pena. Talvez por ser tão grande, de ombros tão largos, os outros o indicassem instintivamente, acolhendo-se à sua sombra, amparando-se nele.

Na terceira série, o "menino" Dhélio Paulo era apenas uma lembrança. Quem nos surgiu foi um homenzarrado, peito amplo, barba na cara. Estava engraçado na farda cáqui; não se sabia bem se lembrava um homem feito, vestido de colegial para fingir, ou um garoto que tivesse pintado bigode e barba para brincar de homem feito.

— "Você está um homem, Dhélio Paulo!"
— "E' preciso..."
— "Que idade tem?"
— "Quatorze anos!"
— "Com esse tamanho! Com toda essa barba! E' incrível!"

Incrível, porém verdade. Os quatorze anos estavam na sua certidão de idade e em todos os gestos e feitos de Dhélio Paulo. Os quatorze anos estavam nos pés que se metiam de propósitos nas poças d'água dos dias de chuva, nas pernas que corriam temerariamente pelas ladeiras do morro, nas travessuras, na voz desigual, barítono ou falsete, até num ou noutro lição mal sabida. E estavam nos olhos de menino com seu olhar de menino, na boca de me-



MEDICINA E SAÚDE

Mastite - (Inflamação dos seios)

Dra. ELINE MOCHEL MATOS

E' principalmente, nas mulheres que têm seus partos em casa que costuma aparecer a mastite. Explica-se pela falta de cuidado, naturalmente motivado pelo desconhecimento de certas medidas preventivas que, de certo, fariam abortar o processo inflamatório. Nas mulheres que têm o parto nas maternidades isto é mais raro dada as condições de higiene e recursos médicos e medicamentosos, se bem que cada vez mais precários nos dias que vivemos.

O que é a mastite?
Trata-se de uma inflamação nos seios podendo aparecer somente num como também nos dois e que se caracteriza por dor, tumefação e vermelhamento da pele. Faz parte do quadro, uma febrezinha, às vezes, dor de cabeça e moleza geral.

Entre as conhecidas de uma parturiente com mastite, comenta-se que ela está com "febre de leite", coisa sem importância, dizem, toda mulher tem isso.

Na verdade, é a retenção do leite no seio, o fator predisponente da infecção que é devido a participação de germes, cuja ação destruidora pode levar até à amputação da mama.

São, principalmente as jovens parturientes, sem nenhuma experiência e sem esclarecimentos sobre os problemas do parto que mais sofrem as consequências da mastite.

Eis porque em todas as maternidades deveria haver um curso de palestras ilustrativas, sobre esses problemas, — gestação, puerpério e cuidados com o recém-nascido. Isto para todas as gestantes, no sentido de ensiná-las a se proteger e proteger seus filhos contra essas afecções que podem surgir depois do parto e que apenas dependem de orientação cuidadosa para evitá-las.

Não é difícil impedir que a mastite siga progredindo. Logo que a parturiente sente os primeiros sintomas (dor, vermelhão, febre) deve procurar esvaziar os seios, colocar compressas de álcool e, por meio de emparadrapos, toalha ou mesmo fralda de criança, suspender o seio doente (como se tivesse vestindo porta-seios). Repouso e alimentação leve.

São estas medidas práticas de grande utilidade, que em poucas horas farão a doente sentir acentuadas melhoras.

Mas, se a mulher se descuida e vai deixando passar para curar com o tempo ou se limita a tomar algum "cháinho" que a vizinha lhe ensinou, então o processo evolui. Então vamos encontrar a paciente presa ao leito, o seio muito inchado, vermelho, dor intensa, febre alta, prostração até. Neste caso já há a formação de pus que se elimina juntamente com o leite. A amamentação é prejudicada, pois a mãe não suporta a dor provocada pela sucção da criança.

Pode-se tentar ainda compressas de álcool, aplicações de antiflogístine, e suspender o seio. Deve ser dado um anti-inflamatório geral, sulfanilamida. 2 comprimidos de 4 em 4 horas ou vacinas anti-piogénicas. É possível regressar, mas, não é o comum. Termina quase sempre a doente tendo que operar, abrir o seio para esvaziar, o pus, e drenar. Durante o tempo de regressão do processo é claro, a doente terá que fazer curativos, tomar vacinas e tonificar o estado geral.

Em breve estará curada, mas até aí muito sofreram mãe e filho, este prejudicado na sua alimentação, e isto porque não houve um esclarecimento para aquela parturiente inexperiente.

Nossa advertência, portanto, é no sentido de serem cuidados com os seios, principalmente no período de amamentação.

A glândula mamária é um órgão muito delicado, cujos traumatismos constantes podem trazer sérios aborrecimentos para a sua saúde, cara leitora. Se você vier, ser mãe pense no que acabamos de lhe advertir.

A MODA



TRÊS PEÇAS

Para os dias mais frescos aconselhamos conjuntos de três peças — saia, colete e casaco. O nosso modelo pode ser executado em tecido de lã, seda e seda linge. Saia em tom escuro e casaco e blusa em branco, ou qualquer outro contraste harmonioso.

No próximo número de nosso jornal *Julienne* vai inaugurar uma seção de moldes para as nossas leitoras. Preenchendo um cupon que publicaremos, qualquer leitora, mediante uma remessa de dez cruzeiros poderá receber o seu molde. Daremos oportunamente instruções sobre a questão das medidas para esses moldes.

HOTEL GRANJA ITATIAIA (RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios aprazíveis, escalada às Agulhas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295.

GRAFOLOGIA

Mande sua letra e faremos seu retrato

O abade Michon diz que é possível decifrar o caráter do escritor em qualquer língua que escreva. É uma afirmação imprudente, segundo Crépiaux-Jamin. Embora as regras da grafologia se apliquem à arte de escrever em geral, releve notar que muitos sinais estão odstritos à forma determinada de uma letra. Essa forma determinada altera-se quando o alfabeto muda. Por assim dizer a escrita latina dá lugar a um quadro grafológico particular e a escrita árabe já tem outro que lhe é peculiar, e da mesma forma a japonesa. É por isso que Crépiaux-Jamin diz que há em qualquer língua um modo especial de traçar as palavras. Fazer uma diferenciação ideal, ou destacar uma personalidade numa escrita em caracteres outros que não os nossos, será tarefa difícil, senão impossível...

O doutor Genil-Perrin, médico psiquiatra francês, em sua obra "Les Paranoïques" (1 vol. da Biblioteca de Neurologia e Psiquiatria, Maloine edit., Paris) diz que o desequilíbrio de um paciente pode caracterizar-se pela emergência de uma ou de várias tendências psicopáticas e, apesar das dificuldades do assunto, recomenda o exame frequente da escrita dos doentes (pag. 437, op. cit.). Aquele cientista considera as reações paranoicas reveláveis na escrita e define os quatro elementos cardinais dessas reações: — A superestimação do eu; a desconfiança hostil votada ao meio; a falsidade de julgamento e a inadaptabilidade social. E conclui, o paranoico mais que o louco declarado, é um fator de perturbação social. Um só paranoico numa família ou numa coletividade semia desordenada e arruína o agrupamento. Peor ainda quando são dois, pois os paranoicos se atraem e se buscam, encontram-se e associam-se. Devemos dar razão ao grande médico francês, pois bem sabemos que Hitler e Mussolini encontraram-se, associaram-se e arruínam o mundo. E não foram eles, infelizmente, os últimos paranoicos!

MAIRIM — Sua letra caracteriza uma sensibilidade afetiva intensa. Uma extraordinária dedicação e notável espírito de sacrifício. É realmente boa e muito sensata, mas em assuntos de amor o bom senso a abandona e muitos perigos a envolvem. Todavia, tem serenidade suficiente para contornar esses óbices e não recua diante de oposições nem de ameaças. Inteligente e curiosa, muito poderá realizar em benefício do nosso povo, cuja psicologia penetrou sutilmente nas poucas linhas que nos dirigiu.

HORTENSIA DE MORAIS — Você uma jovem mimada e deliciosamente pura de sentimentos. Mas suas idéias e suas tendências são ainda desordenadas e confusas. Todavia, os traços predominantes de sua complexão mental leva-la ao caminho certo... Tem grande firmeza nas resoluções que adota e aspira grandes melhoras na vida. Sem ser interessada tem grandes planos para o futuro, ligados ao seu bem estar. É vaidosa e gosta muito de ser elogiada...

THEODORINA — Uma gentil dona de casa, é o sa da ordem e do azeite do seu "ninho", gostando de fazer doces gostosos e pratinhos decorativos... Muito carinhosa e amável, raramente odeia, mas irrita-se facilmente. É ruidosamente feliz e não é muito discreta.

GILDA

NAMORADA DA LUA — Simplicidade e benevolência, confiança e tranquilidade são os traços predominantes de sua personalidade. É supersticiosa e quase humilde e guarda no fundo do coração grandes amarguras, já sofridas ou suportadas presentemente, também.

SAUDADE — Uma primorosa educação, servindo luminosa inteligência, vê-se no primeiro plano de seu retrato grafológico. Senso, estético e tendência artística acentuada, surgem logo depois. Uma vida metódica, bem orientada, prudentemente planificada e o mais claro método de raciocínio, independente, não se detem na superfície dos fatos e das criaturas, mas vai-lhes ao âmago, curiosamente, interessadamente e sabe compreender-lhes a realidade, sem deturpá-la. É positivamente generosa e, também, irônica...

FLOR DE LIS — Você sente a vida como algo que realmente pertence a todos, não vê privilégios para ninguém. Mas não deixa de ser egoísta, de certa forma. É inteligente e intelectualmente vaidosa. Tem alguns complexos de superioridade, resultantes de influências do meio em que se desenvolveu sua personalidade. É sentimental e econômica. Aspira grandes sucessos, que lhe enalteçam o nome, reproduzido em cartazes luminosos e coloridos. Tem grande sentimento artístico, notadamente musical. É raciocina lindamente.

CHIARINA — Uma grande sensibilidade sentimental e artística. Muita delicadeza de sentimentos. Extraordinária inteligência, observação e método. Sua vida é regrada sistematicamente, seu extraordinário zelo e sua grande nobreza d'alma, fazem-na uma deliciosa criatura, creio que é também muito bonita, porque sua letra apresenta todos os traços da "completa satisfação pessoal". Sua natural vaidade feminina, todas essas coisas que caracterizam a mulher, mesmo aquela que trata de política, acentuam uma delicada bonequinha, bem vestida, perfumada e louça, que sabe dizer coisas profundas com graça encantadora e sabe transformar as coisas magudas em deliciosos entretenimentos. Tem também alguns traços de funda melancolia e parece concentrar grandes preocupações de caráter íntimo.

A LETRA REVELA A PESSOA!

Pego um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2613, "MOVIMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

O Instituto Feminino de Serviço Construtivo, presidido pela senhora Alice Tibiriçá, acaba de lançar a seguinte proclamação às mulheres brasileiras:

Neste século, abalado o mundo por duas tremendas guerras, sente a humanidade grande anseio pela paz e por estradas largas que conduzam a um destino melhor. Para a construção desse mundo liberto do temor de novas conflagrações, a mulher tem papel preponderante. Ela já conquistou esse direito, naqueles dias de maior tormenta. A sua coragem em face a todos os perigos foi fator decisivo de vitória. Agora, são ainda elas que, enfrentando outros escolhos, pregam a paz, pugnam pela felicidade de todos os povos, pelo amparo às crianças, pelo respeito às nações pequenas, sem preconceitos de raça, ideologias políticas ou credos religiosos.

Isso foi brilhantemente constatado nas sessões do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, reunido em Praga, em fevereiro do corrente ano. Estas lutadoras pela paz e pela justiça, dentro de um admirável espírito progressista e solidarista a unir mulheres de 44 países, saberão construir um mundo digno do ser humano.

No Brasil, o Instituto Feminino de Serviço Construtivo, auxiliado por outras associações, tendo podido enviar a sua delegada, eleita pelas mulheres do Conselho, reunido na Tchecoslováquia, levanta também a sua

bandeira da paz, ao mesmo tempo que pugna pela concessão de mais amplos direitos às mulheres brasileiras. Visa perfeita igualdade ara ambos os sexos. Não pode haver hiato após a conquista do voto feminino, concedido desde 1928, pelo governo do Rio Grande do Norte, atendendo ao apelo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, vitória completa em 1933 com extensão do voto a todas as brasileiras e a entrada destas na Constituinte.

A todas as mulheres deve ser franqueado o direito ao trabalho, à instrução, a qualquer posição de responsabilidade, profissão ou cargos de administração pública, em condição semelhante à dos homens, com igualdade de direitos políticos, econômicos e civis. Só assim, poderão elas concorrer, eficientemente, para a formação de uma humanidade educada nos princípios da democracia, solidariedade e justiça, única força capazes de conduzir o mundo a fins mais nobres e consentâneos com a aquisição de seu potencial científico.

O Instituto Feminino de Serviço Construtivo, criado em 28 de Outubro de 1946, pela Instituição Carlos Chagas, compreendendo que o progresso do Brasil, sobretudo na época atual, recla-

ATIVIDADES femininas

PROCLAMAÇÃO ÀS MULHERES BRASILEIRAS

ma unificação de esforços, convinda as interessadas nas campanhas de educação, civismo, política, econômica, saúde, dos direitos da mulher, de proteção à criança e manutenção da paz, a participarem dos seus trabalhos. As atividades do Instituto serão confiadas à energia e civismo das mulheres que, acima de seus próprios interesses, amam a terra brasileira. Será um movimento sem cõr política religioso ou preconceitos raciais.

Já no Brasil, as nossas patricias de há muito se vêm organizando, para obras de real valia. Entre os trabalhos que mais se impõem pela extensão de âmbito nacional, além da campanha pelo voto, feita pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, já citada, seja-nos permitido acentuar o da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepre, constituída em 21 de fevereiro de 1926, na Capital de São Paulo, com projeção por todo o país na criação de associações irmãs, cuja ação, a Campanha Hanseniana, culminou em 1932, com a formação da Fe-

deração das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepre. Ainda em São Paulo, pelo seu sentido amplo, construtivo, cívico e humanitário, destaca-se a Associação Cívica Feminina de Santos. Presentemente, como fruto da situação difícil que o país atravessa, estão surgindo em quase todos os bairros do Rio de Janeiro, as Uniãos Femininas contra a Carestia, com trabalhos concretos, problemas levantados visando o bem de coletividade, questões econômicas debatidas para mais pronta solução. O programa dessas Uniãos vai encontrando compo propício em todo país. É que os problemas do Distrito Federal se assemelham aos de todos os Estados. O encarecimento de gêneros alimentícios, dificuldades de transporte, etc. eles comuns entre as Uniãos já constituídas e propiciam o clima favorável à criação de novas. No Distrito Federal, outras associações vêm lutando pelos interesses femininos, como o Comitê de Mulheres Pró-Democracia e a Associação das

Feministas Municipal. Em Belo Horizonte, com um largo e magnífico programa, acaba de surgir a União Feminina Nacional.

Apesar de ser característico a cada associação conservar a sua independência própria, contudo, as questões levantadas nessas Uniãos já vêm demonstrando a mulher o quanto é impoçica a sua ação isolada, e como se torna eficiente apoiada por uma associação a que pertença, principalmente quando essa entidade, por sua vez, está enquadrada numa organização que seja realmente a intérprete do pensamento das associações femininas incorporadas a esse movimento. O desejo de mais ampla conjugação de esforços, através de um órgão especializado e de âmbito nacional, toma vulto, principalmente no Distrito Federal, São Paulo, Santos, Minas Gerais. Essa entidade, que atuará não como centro coordenador de trabalho, senão de elo entre as várias organizações femininas, será a Federação de Mulheres Brasileiras, a ser criada em próximo futuro, num Congresso Feminino, com aprovação do estatuto e eleição de sua Diretoria. Até lá, servindo de elemento de ligação entre todas, o Instituto Feminino de Serviço Construtivo, da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepre.

que desde outubro do ano fiado, ao se constituir, propôs-se a tarefa de preparar o Congresso, do qual será essa Federação, levando ao conhecimento de suas patricias o seu programa de trabalho, solicitando apoio nesse movimento, organizado à base de Departamentos.

Na hora presente, nenhuma mulher consciente de sua força e de seu valor sentirá a plenitude da vida, almejando-se dos trabalhos necessários à formação de um mundo melhor, onde haja paz para todas as bocas, democracia para todos os povos, e paz para humanidade.

Patricias! Unam-nos, pugnando pelo progresso de nosso país, pela defesa de nosso patrimônio comum, do nosso conforto, de nosso lar, do bem estar e educação de nossos filhos. Mais que isso, pelo conforto de outros lares, pela vida de outros filhos que não são nossos filhos, e, sobretudo, pela felicidade das crianças que não têm pais, não têm conforto, não têm lar, não têm saúde, que estão ameaçados de perdê-la, pelas que já a perderam e necessitam de tratamento científico e humanitário.

Essa é nossa missão, nossa tarefa, nosso encargo, na construção do mundo da esperança.

Mulheres! Temos problemas difíceis, distos realmente conquistados a preservar, um ambiente de paz e harmonia. Trabalhemos de mãos dadas, num confiante entendimento para que de

TEATRO



Paul Dehelly, do teatro francês na peça de Claude Vermonet: "Jeanne avec nous" uma obra criada sob a ocupação e que traduz toda a revolta de um povo ante o invasor. Paul Dehelly interpreta Jeanne D'Arc. (foto S. T. L.)



ROSBIFE

Toma-se um bom pedaço alto de carne e tempera-se com sal, alho e limão. Em seguida coloca-se gordura numa assadeira e assim a carne vai a um forno quentíssimo de sorte que fica bem assada por fora e crua dentro. Serve-se frio, em fatias.

COUVE-FLOR RECHEIADA

1 couve-flor — 2 dentes de alho — 1 colherinha de sal — 2 xícaras de miolo de pão — 1 cebola picada — 1/2 xícara de nata fresca — 1 colher de salsa. Ferve-se a couve-flor em suficiente água com sal, de modo a cozinhar sem desfazer-se. Tira-se da água e deixa-se esfriar. Batem-se bem os ovos, junta-se a nata, o miolo do pão, a cebola, a salsa, o alho e o sal. Deve formar uma massa bem dura. Recheiam-se com ela todas as cavidades que formam o tronco da couve-flor, até que fique toda lisa; cobre-se com essa massa e pão ralado, e se cozinha ao forno até ficar dourada. Serve-se em talhadas com algum molho ou nata.

BANANA FRITA

A banana frita é uma deliciosa sobremesa quando se adiciona em camadas queijo ralado, açúcar, canela e pó de rosca.

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL

MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

Dr. Campos da Paz Filho

Ginecologista

Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5536

ASSINE A

Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR
Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 13º - Rio de Janeiro
Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro a "TRIBUNA POPULAR"), na importância de \$18 (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR".

Nome Endereço
Município Estado



RÁDIO, E RÁDIO-TEATRO

SAGRAMOR DE SCUVERO

O rádio tem muita coisa boa, sem dúvida, e já conquistou no coração do povo o lugar que merece. Sofre ainda dificuldades financeiras e outros "males pequeninos", como diz o samba, mas tudo vira, sem dúvida. E um dia será manso o nosso mar... Um dia teremos dinheiro para executar os sonhos de cada radialista. Mas, voltemos ao princípio: o rádio tem muita coisa boa. E nessa "muita coisa" 70% de rádio-teatro. Todo o rádio de hoje está em grande parte na programação falada. E não falo nos programas insertos de música e diálogos, porque então teríamos quase, quase o total. As novelas (ah! as novelas) e as peças completam. Ganham a apreciação popular. São ouvidas pelo público em geral e ninguém perde capítulo. Eu tenho pouco tempo para ouvir rádio — e passo mal por isso porque as pessoas que encontro, por força de meu trabalho social, ou em raros passeios, sempre me perguntam — "A Zézé casará mesmo com o Urbano?" ou "O Wahy-ta não encontra mais o Galvão até o fim da novela?" e "A Tina Vita morre ou sara?" mais "A Deise é mesmo filha da Tereza Costa?"

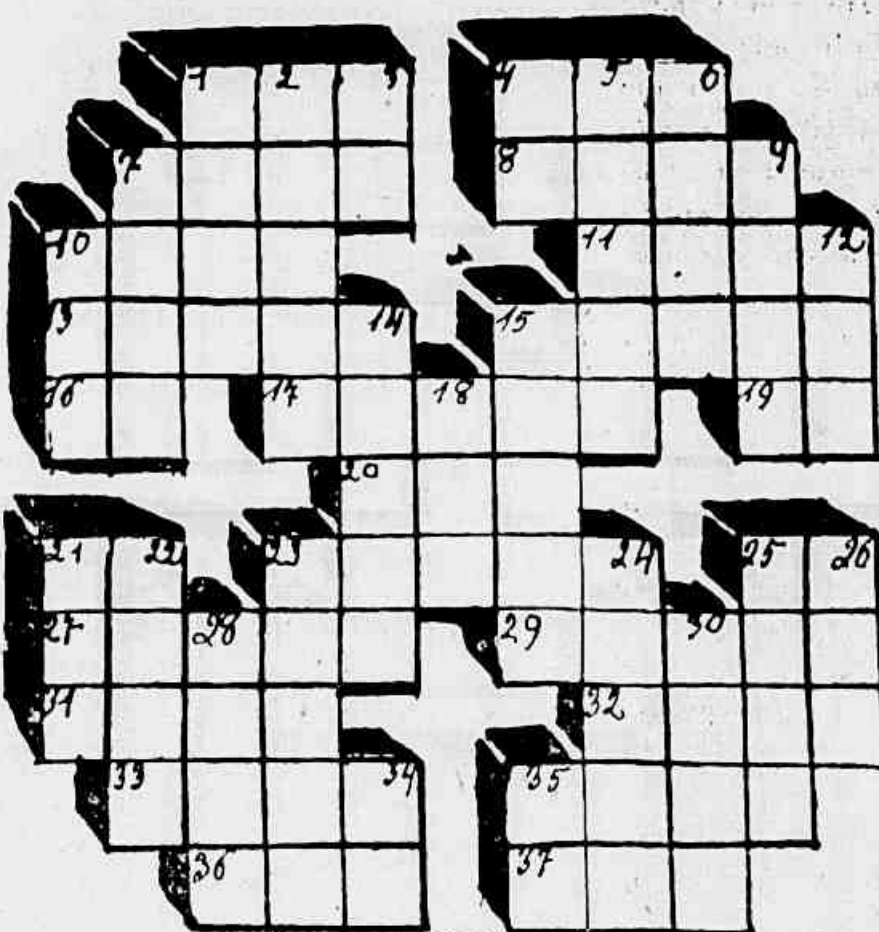
— Não! Pelo amor de Deus não pense que são "confusões" na vida radiofônica. Nada disso. É a novela. São enredos e complicações de diferentes rádio-teatros. Apenas é mais fácil dizer o nome do artista que interpreta invés de citar o do personagem. E eu nunca sei para responder...

Mas quando posso, quando tenho uma folga, ligo o rádio. E graças a essas raras folgas, tenho ouvido grandes, magistrais interpretações: Urbano Lois fazendo aquele corcunda de Covardia, novela de Berliet Junior; Lurdinha Nazareth (que tantas saudades deixou...) fazendo a inesquecível Antonietinha... Zézé Fonseca admirável em Lady Isabel de "O Seu Grande Pecado"... e tantos, tantos mais. E entre eles eu quero destacar hoje, um nome numa homenagem sincera: Norka Smith. A doce Norka Smith "ingênua" de tantas peças, de interpretação sempre sincera, humana, simples — e por isso mesmo maravilhosamente grande.

Norka é u'a menina — perdoe a menina. Ela é senhora Paulo Renato — Mas tem mesmo jeito, traços e delicadeza de menina-moça.

E, tenho certeza, vocês também que a ouviram na Tupi e a ouvem na Globo. Vocês também que tiveram à arte de Norka Smith, momentos de prazer espiritual e suave emoção, gostariam de prestar-lhe uma homenagem. E então nesta crônica despretenciosa Nós vamos dizer-lhe: Norka Smith, muito obrigada...

Palavras Cruzadas



CHAVES — Horizontais.

1. O Deus dos muçulmanos. 4. Bebadeira. 7. Graça. 8. Chefe supremo da religião budista. 10. Nome das lagartas da família dos Ceciliídeos. 11. Língua, liso. 13. Afecção crônica. 15. Estimular. 16. Carapinha, cotão. 17. Presença. 19. Roca. 20. Têtu. 21. Variação, pronome. 23. Terço. 25. Elemento turquês. 27. Abertura por onde os navios vão sair da calçada. 29. Lápula que alisa a pele. 31. Momento paroxístico. 32. Rei de Egipto filho de Jupiter. 33. Conhece. 35. C... ou banha. 36. Ruído. 37. Gavinha.

CHAVES — Verticais.

1. Enfeite mau humor. 2. Pedra tumular. 3. Paralisia. 4. Voz diáfragma. 5. Sossegada. 6. Arco de... 7. Canção de casca de madeira. 9. F. moço perfume indiano. 10. Estrela. 12. Discurso em público. 14. Ração diária dos soldados. 15. O Inferno. 18. Anjo do amor. 21. Favo. 22. Filho de Seth. 23. Um dos nomes da lua. 24. G... a atenção. 25. O ponto de inserção do pinto no estile. 31. Momento paroxístico. 32. Chirre. 28. O... 30. Confinado. 34. Preposição. 35. Singular.

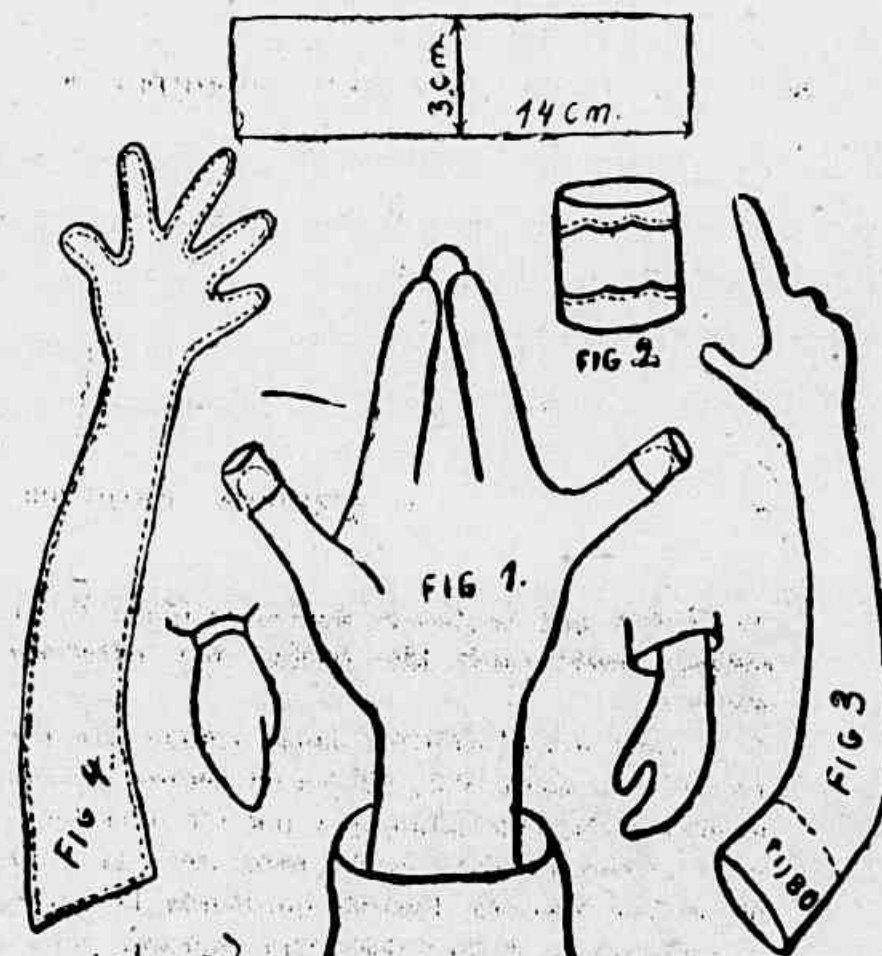
Teatro de Fantoches



A forma dos braços e das mãos dos fantoches tem grande importância na confecção dos mesmos. Podemos observar na figura do Saci perere que os braços e as mãos estão de acordo com a natureza, ágil e irrequieta, do negrinho.

Vejamos agora o passarinho que tem os braços curtos, lembrando o seu passarinho miúdo e saltitante. A matéria melhor para se fazer os braços e as mãos dos bonecos é o feltro, entretanto podemos empregar também outros tecidos, tais como, jersey, meia, flanela, etc. No ponto em que se cose o braço no corpo do fantoche, colocamos um tubo feito do seguinte modo: Corta-se em cartolina, uma tira com 14 cm. de comprimento e 3 cm. de largura; enrola-se, formando um tubo de 7 cm. de circunferência, para o dedo polegar e 6 cm. para o dedo mínimo. (Ver fig. 1). Para maior estabilidade e tato, forra-se o mesmo com flanela de algodão (Ver fig. 2). Enfia-se e costura-se este tubo na extremidade do braço (Ver fig. 3). Desenha-se em uma folha de papel as mãos do boneco, conforme o tipo da cabeça. Recorta-se o modelo e prende-se com alfinetes sobre a fazenda dupla. Alinha-se e cose-se pela borda do molde e em seguida retira-se o mesmo e recorta-se a mão do boneco contornando a costura (ver fig. 4). Enche-se os dedos, a mão e o braço até a altura do tubo, com algodão.

Ná próxima aula ensinaremos a fazer as cabeleiras e daremos interessantes sugestões para os olhos dos bonecos.



O preço do livro torna-se entre nós cada vez mais caro e, portanto, cada dia mais inacessível. Raras as pessoas que ainda conseguem arranjar, dentro dos pequenos ordenados, e dos pequenos salários, o dinheiro suficiente à compra de livros. Numa hora de vida tão cara e de ordenados tão baixos como ler? Julgando assim "Edições do Povo" publica pequenos volumes a três e cinco cruzeiros, e a critério da escolha dessas publicações é, além da do bom gosto, a da utilidade.

Assim publicou essa editora "Na prisão" e "Flor da Miséria" de Gorki o grande escritor dos oprimidos e dos explorados. "A religiosa" de Diderot, "Bug-Jargal" de Victor Hugo novela baseada na primeira revolução negra na América. A sátira "A Princesa de Babilônia" e o "Touro Branco" de Voltaire, e muitos outros livros de fácil aquisição, de leitura útil, de tradução agradável.

"Edições do Povo" está realmente servindo à causa da cultura brasileira, preocupada em tornar possível a todas as camadas populares a aquisição de livros que são afinal parte integrante, útil, imprescindível à vida da gente.

66 **A MANHA**

ÓRGÃO DE ATAQUES... DE RISO

É o maior quinta-ferino do mundo

A tragédia do homem e da terra, da seca e da miséria. — Motivos dominantes nas telas de Portinari



PORTINARI *na Argentina*

PORTINARI partiu do Brasil e foi levar a Paris a sua mensagem de artista do povo, dono das mais duras verdades de nossa vida sacrificada que é o drama de nossas crianças,

de nossas mulheres e de nossos homens, dos campos ou das cidades. Em Paris, todos sentiram em sua arte o potencial que faz do mestre brasileiro uma das expressivas figu-

ras da arte mundial. Esteve Portinari colocado na sua posição, honrando sua pátria e lutando por seu povo.

Agora, em Buenos Aires, como em Paris, Portinari foi recebido com a mesma calorosa solidariedade. Artistas, Escritores e Poetas argentinos louvaram sua arte, enalteceram sua mensagem e entoaram o seu louvor.

Elvira González Castro ergueu sua voz de mulher argentina. «Orfã de conhecimentos técnicos, ignorante de todas as regras da cor e da forma» como ela mesma declara, sentiu profunda impressão diante da obra do pintor brasileiro. São suas estas palavras que devemos repetir:

«Em toda obra de Portinari se sente a presença do povo. Eu vi estes olhos de crianças nos caminhos frios e intermináveis de minha pátria. Vi estes ventres inchados e mal alimentados, eternamente insatisfeitos... olhos escuros e empalidecidos de meninos velhos numa luta precoce e cruel pela existência.

O latifúndio, a miséria e a fome. O raquitismo e a febre consomem suas faces e o sangue de uma meninice sem infância... As mãos das mulheres — as mulheres de Portinari... enormes, nodosas e deformadas. Mãos de lavadeiras reumáticas, torvidas, ossudas e fracas.

Nada entendo de escolas, de técnicos, nem tendências pictóricas — somente raciocínio como poderia raciocinar qualquer mulher ou homem do povo». Encontra uma diferença

fundamental nos trabalhos do artista. Quando exprime a fisionomia do índio ou o «retrato de minha mãe» está plasmando o que subsiste como material humano. Quando revela esses seres subjugados pela miséria e pela desgraça de maneira gritante e cria o que deforma, está reagindo contra o que precisa desaparecer e morrer.

É uma mulher que sente assim a obra de Portinari. Compreendeu sua mensagem, a mensagem de um artista que espreita com toda a sua emoção o drama de sua cidade natal. Portinari: o camponês de Brodowski e o artista que tem sabido comover em sua luta, as grandes capitais do mundo.

Elvira Gonzalez Castro é uma voz que se levanta pela mulher argentina em defesa de seus filhos e de seus lares. Nos orgulhamos com a visita de Portinari à Argentina e nossa pena que tantas vezes tem exaltado o seu valor artístico-plástico, pretende agora mostrar às mulheres do Brasil o significado de suas telas incompreensíveis para muitos. Queremos também afirmar — Só não compreende a obra de Portinari aquele que não sofre.

E o horror que inspiram os seus quadros trágicos aos olhos serenos dos afortunados nada mais é do que uma indiferença egoística ao martírio de nossa gente.

Elvira termina seu comentário: Mensagem de humana rebeldia, que humana, que compromete e comove,



Os meninos, os pobres meninos do povo que Portinari encontrou em Brodowski.

se seguia, realizada na praça central. Landry dansou mais de uma "bourrée" com a bela Madelon, e, para lhe fazer a vontade Sylvinet procurou dansar também. Não se saía muito bem, mas Madelon, que lhe testemunha muita consideração, tomava-o pela mão, em frente-a-frente, para ajudá-lo a marcar o passo; e Sylvinet, achando-se assim junto do irmão, prometeu-lhe que aprenderia a dansar direito, afim de compartilhar de um prazer em que, até então, tinha atrapalhado Landry.

Não tinha muito ciúmes de Landry com Madelon, porque Landry se mantinha reservado com ela. E, aliás, Madelon lisongrava e encorajava Sylvinet. Sentia-se muito à vontade com ela, e qualquer pessoa que não conhecesse bem os fatos, teria julgado que esse era o gêmeo que preferia. Landry é que poderia ter tido ciúmes, se não fosse, por natureza, refratário a esse sentimento; e talvez qualquer coisa lhe dissesse, apesar de sua grande inocência, que Madelon só agia assim para lhe causar prazer e ter mais ocasiões de estar perto dele.

Tudo correu pelo melhor durante cerca de três meses, até o dia de Santo Andoche, que é a festa padroeira do burgo da Cosse, e que cai nos últimos dias de Setembro.

Essa data, que era sempre para os dois gêmeos uma grande e linda festa, porque há dança e jogos de todo gênero sob as grandes nogueiras da paróquia, trouxe para ambos grandes aborrecimentos com que não contavam.

Como o pai Caillaud lhe dera licença para ir desde a véspera dormir na Bessonière, afim de vêr a festa desde manhã cedo, Landry partiu antes da ceia, muito contente da surpresa que ia causar a seu gêmeo, que não o esperava senão no dia seguinte. É a estação em que os dias começam a ser curtos e em que a noite cai depressa. Landry nunca tinha medo de nada à luz do dia; mas não teria sido de sua idade e de sua terra se gostasse de andar sozinho à noite pelos caminhos, sobretudo no outono, que é a estação dos feiticeiros, em que os fogos fátuos começam a pintar o sete, por causa dos nevoeiros que os auxiliam a esconder suas maldícias e seus malefícios. Landry, habituado a raiair a qualquer hora para recolher os bois, não estava mais assustado aquela noite do que nas outras noites; mas caminhava depressa e cantava com força, pois é sabido que o canto dos homens tem o poder de afugentar os animais ferozes e as pessoas mal intencionadas.

Quando se viu à direita da passagem das Rolelas, que é assim chamado por causa das pedras redondas que lá existem em grande quantidade, arregaçou um pouco as pernas das calças, porque é possível que a água da passagem chegue até acima dos tornozelos, porque a passagem

é enfiada e tem, tanto à direita quanto à esquerda, buracos perigosos. Landry conhecia tão bem a passagem do rio que não podia enganar-se. Alias, via-se daquelle lugar, através as árvores, que estavam quase despojalas de folhas, a pequena claridade que saia da casa da mãe Fadet; e, olhando para aquella claridade, andando-se naquella direcção, não havia perigo de errar o caminho.

Estava tão escuro sob as árvores, que Landry tomou a precaução de latear a passagem com o bordão, antes de entrar na água. Ficou espantado de encontrar mais água do que de costume, tanto mais que ouvia o ruído das comportas, abertas desde cedo. Entretanto, como estava vendo muito bem a luz da janela de Fadette, elle se arriscou. Mas, ao fim de dois ou três passos, estava molhado nágua até acima dos joelhos, e recuou, julgando ter-se enganado. Experimentou de novo, um pouco mais acima e um pouco mais abaixo, e tanto lá como aqui, ainda se afundou mais. Não tinha chovido, as comportas roscavam sempre; assim, a coisa era mesmo de espantar.

XIV

A princípio, Landry achou a idéia de Fadetle tão engraçada, que lhe deu mais vontade de rir do que se zangar.

— “Essa pequena é mais doida do que má — pensou elle — e menos interesseira do que parece, pois o pagamento que me pede não dá para arrátinar minha família”

Mas, pensando melhor, acabou por julgar que o saldo de sua dívida era mais duro do que dava a impressão. A pequena Fadetle dansava muito bem; já a tinha visto bailando nos campos ou à beira dos caminhos, com os pastores, e saltitava como um diabrete, tão ágil e rápida que era difficil seguir-lhe o compasso. Era, porém, tão feiosa e mal arrumada, mesmo aos domingos, que nenhum rapaz da idade de Landry a tiraria para dansar, principalmente diante de um público. Quando muito, os guardadores de porcos e os garotos que ainda não tinham feito a primeira comunhão é que a achavam digna de um convite, e as moças bonitas do campo não gostavam de que ella tomasse parte em suas dansas. Assim, Landry ficou muito humilhado de se ver condemnado a semelhante par; e, quando se lembrou de ter conseguido que a linda Madelon lhe promettesse ao menos três “bourrées”, procurou advinhar como iria ella aceitar a afronta que seria forçado a lhe infligir, não indo reclamar-lhe o cumprimento da promessa.

Com frio e com fome, e temendo ainda vêr o fogo fátuo em seu

encalço, andou depressa, sem pensar muito, e sem olhar para trás. Chegando em casa, secou a roupa e contou não ter visto a passagem por causa da escuridão da noite e ter saído do rio com dificuldade. Mas teve vergonha de contar que sentira medo, e não falou no fogo-fátuo nem na pequena Fadette. Deitou-se, deixando para o dia seguinte as aflições que lhe trariam as consequências daquele desastrado encontro. Entretanto, apesar de seus esforços, dormiu muito mal e teve mais de cinquenta sonhos, em que via a pequena Fadette montada no fogo fátuo, que tinha a forma de um grande galo vermelho, carregando numa das patas sua lanterna de chifre, com uma vela dentro, cujos raios se estendiam por sobre toda a junqueira. E a pequena Fadette se transformava, então, num grilo do tamanho de uma cabra, e gritava, numa voz de grilo, uma canção que não conseguia compreender, mas de que ouvia sempre palavras com a mesma rima: grilinho, foguinho, caminho, diabinho, gemeozinho, maninho. A cabeça chegava a doer-lhe, e claridade do fogo-fátuo lhe parecia tão viva e tão insistente, que, ao acordar, tinha ainda, diante dos olhos, essas bolinhas pretas, vermelhas ou azuis que nos aparecem quando olhamos com certa fixidez para as órbitas do sol ou da lua.

Landry estava tão cansado por essa noite mal dormida, que caía de sono durante a missa, e não ouviu uma só palavra do sermão do Padre, que, no entanto, louvou e engrandeceu quanto pôde as virtudes e propriedades do bom Santo-Andoche. Ao sair da igreja, Landry estava tão pesado de preguiça, que se tinha esquecido de Fadette. Ela, porém, estava diante do pórtico, pertinho da linda Madelon, que lá se achava, convencida de que o primeiro convite seria para ela. Mas, quando elle se aproximou para lhe falar, foi obrigado a ver o grilo, que deu um passo à frente e lhe disse bem alto, com uma ousadia sem igual:

— Vamos, Landry, tu me convidaste ontem para a primeira dança, e sei que não vamos perdê-la.

Landry ficou vermelho como uma brasa, e vendo Madelon ficar tão vermelha quanto elle, pelo grande espanto e pelo grande despeito que lhe causava semelhante aventura, tomou coragem e respondeu à pequena Fadette:

— É possível que eu te tenha prometido dansar contigo, grilo — disse-lhes elle — mas já tinha convidado outra antes, e tua vez chegará depois que eu tiver cumprido meu primeiro compromisso.

— Nada disto — declarou Fadette com segurança — Tua memória está falhando, Landry; não prometeste a ninguém antes de mim, pois a palavra que te reclamo é do ano passado, e ontem apenas a renovaste.

Se Madelon tem vontade de dançar contigo hoje, está aí teu gêmeo, que é igualzinho a ti, e com quem ela ficará em teu lugar. Tanto faz um como o outro.

— O grilo tem razão — respondeu Madelon com altivez, tomando a mão de Sylvinet; — já que fiz uma promessa tão antiga, Landry, você deve cumpri-la. Para mim, tanto faz dançar com você ou com seu irmão.

— Pois sim, é a mesma coisa, — disse Sylvinet ingenuamente — Vamos dançar, todos os quatro.

Foi preciso fazer assim, para não atrair a atenção do povo. E o grilo começou a saltitar com tanto orgulho e leveza, que nunca uma "bourrée" foi tão bem marcada e acabada. Se ela fosse enfeitadinha e bonita, teria dado gosto de se ver, pois dançava de mil maravilhas, e não havia uma só das belezas da terra que não gostaria de ter sua agilidade e sua segurança. Mas o pobre grilo estava tão mal vestido, que parecia dez vezes mais feio do que do costume. Landry, que não ousava olhar para Madelon, de tal forma se sentia triste e humilhado por sua canção, olhou para o par, e achou-a ainda mais feiosa do que em seus trapos habituais. Fadette pensara em se tornar elegante, e sua indumentária dava vontade de rir.

Trazia uma touca toda amarelada por ter ficado guardada muito tempo, e que, em vez de ser pequenina e arrebitada atrás, segundo a nova moda da região, mostrava de cada lado da cabeça duas enormes orelhas muito largas e chatas; e atrás da cabeça, o babado caía até o pescoço, o que a tornava parecida com a avó e lhe fazia uma cabeçorra grande como uma abóbora num pescoço fininho como um páu. Seu saia de chitão devia ser dois palmos mais comprido, e, como tinha crescido muito durante o ano, seus braços magros, todos queimados de sol, saíam de suas mangas como patas de aranhas. Tinha, porém, um avental encarnado que a enchia de orgulho, mas que lhe vinha da mãe, e do qual se esquecera de tirar o peitilho, que há mais de dez anos as mocinhas deixaram de usar. A pobre rapariga não era dessas que são cheias de vaidade e faccêrice; isso era até mesmo coisa que lhe fazia falta, pois vivia como um menino, sem se importar com sua aparência, e só gostando de brincadeiras e risadas. Assim, estava parecendo uma velha endomingada, e todos a desprezavam por sua vestimenta imprópria, que não era devida à miséria, mas à avareza da avó e ao mau gosto da neta.

Sylvinet estava achando muito estranha a escolha de seu gêmeo, pois, quanto a ele, gostava menos ainda de Fadette do que Landry.

Landry não sabia como explicar o caso e tinha vontade de se meter em algum buraco. Madelon estava descontente, e, apesar da animação

de Fadetle, que torçava as pernas de todos elles a se agitarem na dança, tinham umas caras tão tristes que pareciam estar acompanhando entërro.

Assim que a primeira dança acabou, Landry fugiu e foi se esconder em seu carro. Mas, dentro de alguns instantes, a pequena Fadetle, acompanhada pelo saltão, que, por ter uma pena de pavão e uma borla de ouro falso no gorro, estava mais atrevido e barulhento do que nunca, foi ao seu encontro, levando um bando de garotas mais novas do que ela, porque as de sua idade não queriam saber dela. Avistando-a com toda aquela miuçalha, que ela levava para servir de testemunha, em caso de recusa, Landry submeteu-se e conduziu-a para baixo das nogueiras, onde pretendia encontrar um canto para dançar com ela sem que ninguém reparasse. Por felicidade para elle, nem Madelon nem Sylvinet, nem as pessoas do lugar estavam ali; quis aproveitar a occasião para dançar a terceira "bourrée" com Fadetle. Em volta deles só havia estranhos, que não lhes prestavam atenção.

Assim que terminou, correu à procura de Madelon, para convidá-la a comer bolo com elle, debaixo da ramaria. Mas Madelon dansara com outros, que já lhe haviam feito convite semelhante, e recusou com orgulho. Depois, vendo que elle se mantinha num canto com olhos cheios de lágrimas, porque o despeito e a altivez a tornavam mais bonita do que nunca, e parecia que todo mundo está reparando nisso, ela comeu depressa, levantou-se da mesa e disse alto: — "As vésperas estão tocando; com que é que eu vou dançar depois?" — Virara-se para o lado de Landry, contando que elle lhe dissesse: — "Comigo!" Mas, antes que elle pudesse abrir a boca, outros se tinham oferecido, e Madelon, sem se dignar lançar-lhe um olhar de censura ou de piedade, foi para a véspera com seus novos namorados.

Tão depressa terminaram as vésperas, Madelon safu com Pierre Aubardeau, seguida de Jean Aladenise e de Etienne Alaphilippe, e os três dansaram com ela, um após o outro, pois os pares não lhe faltavam, sendo tão bonita e tendo algumas posses. Landry olhava para ella com o canto dos olhos. A pequena Fadetle tinha ficado na igreja, dizendo longas orações, depois que os outros tinham saído: era assim que ella fazia todos os domingos, seja por grande devoção, na opinião de alguns, ou para melhor esconder seus entendimentos com o diabo, segundo pensavam outros.

Landry ficou muito magoado ao ver que Madelon não parecia importar-se com elle, que estava vermelha de prazer como um morango, e que se consolava muito bem da afronta que se vira forçado a fazer-

lhe. E veio-lhe então uma idéa que nunca lhe passara pela cabeça, a de que ela talvez fosse vaidosa demais, e de que, em todo caso, não lhe tinha grande afeição; já que se divertia tanto sem ele.

É verdade que, ao menos na aparência, a culpa era sua; mas Madelon pudera ver, na namaria, como ele estava triste, e poderia ter adivinhado que havia, atrás de tudo aquilo, qualquer coisa que ele gostaria de explicar. E, no entanto, ela nem se preocupava com o fato, e estava alegre como um passarinho, enquanto o coração dele estalava de desgosto.

Depois dela ter contentado seus três pares, Landry chegou-se a ela, desejando falar-lhe em segredo e se justificar como pudesse. Não sabia o que fazer para levá-la de parte, pois não estava ainda na idade em que se tem coragem junto às mulheres; assim, não podia encontrar as palavras que convinham, e puxava-a pela mão, para que ela o acompanhasse; mas ela lhe disse, com um ar em que havia um pouco de despeito e um pouco de perdão:

— Até que enfim, Landry, vens me tirar para dançar?

— Para dançar, não — respondeu ele, porque não sabia fingir e não desejava faltar à palavra que tinha dado — mas para lhe dizer uma coisa, que você não pode deixar de ouvir.

— Ora, se tens um segredo para me dizer, Landry, deixa-o para outra vez — respondeu Madelon, puxando a mão. — Hoje é dia de dançar e de se divertir. Ainda não cansei as pernas, e já que o grilo deu cabo das tuas, vai dormir, se quizeres, porque eu fico.

E, com isso, aceitou o convite de Germain Audoux, que a tirava para dançar. E, quando ela virava as costas para Landry, este ouviu Germain Audoux que lhe dizia, falando dele:

— O rapaz estava pensando que esta dança "ia ser dele".

— Pode ser — respondeu Madelon, balançando a cabeça. — Mas não é ainda para o nariz dele.

Landry ficou muito sentido com essas palavras, e ficou perto dos dansarinos para observar todos os gestos de Madelon, que não eram feios, mas tão orgulhosos e atrevidos que o encheram de decepção; e, quando ela voltou para junto dele, vendo que a olhava com olhos que faziam um pouco de caçoada, ela lhe disse, por bravata:

— Que é isso, Landry? Não podes arranjar um par, esta noite? Vais ser obrigado a voltar ao grilo.

— E vollo satisfeito, porque, se ela não é a mais bonita da festa, em todo caso é a que dança melhor.

Dito isto, foi para perto da igreja, à procura de Fadetle, e trouxe-a

com Me para a dança, bem em frente de Madelon, e dançou com ela duas "bourrées" sem deixar a praça. Era preciso vêr como o grilo estava contente! Ela não escondia sua satisfação; deixava que seus maliciosos olhos negros brilhassem bastante, e levantava a cabecinha e a touca enorme, como um frango de crista.

Mas, por desgraça, seu triunfo despeitou cinco ou seis garotos que geralmente dansavam com ela, e que, não podendo, agora, aproximar-se, ôles que nunca tinham sido orgulhosos com ela e que a apreciavam pela sua maneira de dansar, começaram a criticá-la, a censurar seu convencimento, e a murmurar em volta dela:

— "Olhem só o gritinho que pensa estar deslumbrando Landry Barbeau! grilinho, gafanhoto, maluquinha, gato escaudado, sapinho, perereca" — e outras lólicas à moda da região.